

Sem fronteiras: faces de um mundo globalizado

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza



Sem fronteiras: faces de um mundo globalizado

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza

Editor: Lécio Cordeiro

Revisão de texto: Suélen Franco

Capa: Sophia Karla

Ilustração da capa: Cadu Loureiro

Projeto gráfico: Allegro Digital

Editoração eletrônica, pesquisa iconográfica e infografia: Allegro Digital

Coordenação Editorial:



Editora Prazer de Ler

Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680

CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista/PE

Fone: (81) 3447.1178

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Fizeram-se todos os esforços para localizar os detentores dos direitos das fotos, ilustrações e dos textos contidos neste livro. A Editora pede desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

Para fins didáticos, os textos contidos neste livro receberam, sempre que oportuno e sem prejudicar seu sentido original, uma nova pontuação.

F311s Feitoza, Liliane
Sem fronteiras : faces de um mundo globalizado : paradidático geografia -
9A / Liliane Feitoza, Salviano Feitoza. – Recife : Prazer de Ler, 2018.
112p. : il.

Inclui referências.

1. GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO – ESTUDO E ENSINO. 2.
GEOGRAFIA HUMANA – ESTUDO E ENSINO. 3. GLOBALIZA-
ÇÃO – ESTUDO E ENSINO. 4. CAPITALISMO – ESTUDO E ENSINO.
5. GLOBALIZAÇÃO – ASPECTOS SOCIAIS. 6. GLOBALIZAÇÃO –
ASPECTOS ECONOMICOS. I. Feitoza, Salviano. II. Título.

CDU 911.3

CDD 911.3

PeR – BPE 18-241

ISBN: 978-85-8168-670-7

Impresso no Brasil

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de
fevereiro de 1998.

Aos construtores de uma nova globalização.

Apresentação

Um mundo globalizado se apresenta para nós. Não importa muito onde estamos ou o trabalho que nossos pais realizam. Dificilmente a nossa história e a história do mundo à nossa volta poderiam ser explicadas sem levar em consideração as dinâmicas do mundo. A globalização não é só um conceito limitado aos livros de Geografia e de Sociologia, ou à explicação da economia contemporânea. Na verdade, essa mesma globalização está em nós. É possível entrar em contato com ela quanto pensamos nas músicas de que mais gostamos, na forma como nos vestimos ou, ainda, nas nossas comidas preferidas.

Em um simples passeio por um centro urbano ou em minutos em contato com a Internet, fica mais evidente a aproximação de realidades que antes estavam separadas. Podemos ver rostos, idiomas, religiões, hábitos e costumes diferentes dos nossos e sabemos que eles estão cada vez mais próximos e que não só deixaram de ser estranhos, mas também passaram a fazer parte da nossa vida. Se, por um lado, as aproximações do mundo global fazem com que possamos obter informações de realidades distantes e o convívio com o diferente não seja mais atípico, por outro, esse mesmo mundo global é acusado de aprofundar desigualdades, de incentivar a manutenção de pessoas em situação de exclusão e de desumanidade, bem como de contribuir para a existência de catástrofes ambientais.

Assim, ao falarmos sobre globalização, trataremos de um conjunto complexo de relações que não devem ser vistas como um todo positivo nem como um todo negativo. Este livro é um convite para uma jornada de descobertas em torno desse nosso mundo globalizado. Para tanto, trataremos da globalização como um conceito e como uma realidade que possui diversas faces; além disso, contaremos com alguns estudiosos que pensaram na necessidade e na possibilidade de reconstruir a globalização presente, ressaltando nela os pontos positivos e suavizando os negativos. Mesmo que nascer em um mundo globalizado não tenha sido sua escolha, recriar uma nova globalização pode ser um dos seus compromissos.

Sumário

Começo de conversa	6
--------------------------	---

Capítulo 1

Mas o que é essa globalização?	14
--------------------------------------	----

Reflexão	21
----------------	----

Capítulo 2

As fronteiras do que importa	24
------------------------------------	----

● Globalização e capitalismo	27
------------------------------------	----

● Globalização e a economia nacional	32
--	----

● Globalização e a política local.....	35
--	----

Reflexão	42
----------------	----

Capítulo 3

Trabalhadoras e trabalhadores do mundo inteiro	46
--	----

Reflexão	56
----------------	----

Capítulo 4

Uma cultura global?	58
---------------------------	----

Reflexão	70
----------------	----

Capítulo 5

Cidadãos do mundo	72
-------------------------	----

Reflexão	78
----------------	----

Capítulo 6

Globalização e meio ambiente.....	80
-----------------------------------	----

Reflexão	84
----------------	----

Capítulo 7

Uma nova globalização é possível?	90
---	----

Reflexão	103
----------------	-----

O fim e o recomeço.....	110
-------------------------	-----



Travel mania/Shutterstock.com

Você pode ainda não ter pensado sobre isso, mas a globalização é responsável por muito do que constitui o seu mundo de experiência; tanto que você poderia, por exemplo, identificar-se em vários lugares como uma pessoa globalizada. Talvez essa afirmação inicial não tenha sido convincente ou tenha parecido um pouco exagerada. Afinal, como você poderia ser globalizado sendo tão jovem? Como ser globalizado se você viveu a maior parte da sua vida em um único país? E, ainda, como ser globalizado se você pôde nem mesmo conhecer outros países além do Brasil? Dúvidas como essas são válidas, mas nós continuamos afirmando o seu *status* de pertencente a uma realidade global, pois, mesmo não tendo ido a outros países, muitos países já vieram até você.

Para convencê-lo e provar nosso ponto de vista, queremos que você pense em três coisas simples: no seu sobrenome, no seu celular (ou no de outra pessoa, caso você não possua um) e na data de hoje, dia em que você está lendo este texto. Começando pelo sobrenome, pode ser que você se chame Silva, Alves, Andrade, Barbosa ou Barros, além de muitos outros. Em qualquer uma dessas opções, que ilustram sobrenomes populares no Brasil, uma simples pesquisa sobre a origem desse sobrenome pode levá-lo para longe. No caso dos Andrade, por exemplo, estudiosos apontam que o sobrenome vem de uma família antiga, vinda da Espanha, especificamente da região da Galícia.



O Brasil é composto da mistura de vários povos. Estudiosos dizem que a prática do uso de sobrenome surgiu com os chineses durante o período do Império Fushi, 2852 a.C., e na Europa essa necessidade surgiu no final da Idade Média.

A globalização entra na nossa conversa quando nos fazemos a seguinte pergunta: como um sobrenome originado na Galícia, em um passado distante, tornou-se popular no Brasil? A resposta para essa pergunta não é difícil e certamente você já identificou a razão. Em algum momento, entre o surgimento do sobrenome e a sua popularidade no País, alguma pessoa ou um grupo de pessoas vieram para o Brasil e passaram a viver e gerar descendentes por aqui. Em outras palavras, a resposta para a pergunta do sobrenome pode ser dada em um único termo: **migração**.

Assim, mesmo que você não tenha viajado o mundo, os seus antepassados podem ter feito isso para você, trazendo de longe um nome que hoje aparece em todos os seus documentos, mas que antes se limitava a um lugar isolado do planeta. Além dos Andrade, esse mesmo percurso pode ser observado em outros sobrenomes. Caso você ainda não tenha informações sobre o seu sobrenome, faça uma pesquisa na Internet ou pergunte aos seus familiares e descubra o caminho que o nome da sua família percorreu até chegar a você.

Invertendo a ordem, pense na data em que você realiza esta leitura. Pode ser que a data do seu hoje seja o dia 04 de maio de 2019 ou ainda 24 de novembro de 2022. Em um desses dias ou em outro, há em comum o fato de nos guiarmos por um calendário que também não veio daqui. Em textos de livros de História ou Geografia, você já deve ter lido sobre algo que aconteceu no século V a.C. ou no século X d.C. Nesses séculos ou no ano em que vivemos agora, utilizamos uma contagem que se guia pelo nascimento de Jesus Cristo, o a.C. marca o tempo antes desse evento e o d.C. o tempo a partir e depois.



O calendário gregoriano foi decretado pelo Papa Gregório XIII como oficial no século XVI para substituir o calendário Juliano, usado durante o Império Romano. Na fotografia, imagem do Papa Gregório na cidade de Bolonha, Itália.

A contagem dos anos, inclusive do ano em que você e eu nascemos, é influenciada por razões religiosas, tomando o cristianismo como referência. O cristianismo, vale dizer, originou-se na região que hoje denominamos de Oriente Médio, mas que, assim como os nomes de que falamos, também migrou através das pessoas e se estabeleceu e disseminou por aqui.

Ainda sobre as datas e a sua relação com a religião, vale ressaltar que esse elemento da nossa identidade, ou seja, essa **ideia** de como contar os anos, mesmo tendo surgido sob influência do nascimento de Jesus, atua para além da religião. Um judeu, um candomblecista ou um ateu, mesmo não sendo enquadrados como cristãos, quando assinam um documento ou compram uma agenda, acabam, mesmo indiretamente, guiando-se por razões influenciadas pela doutrina cristã católica que orienta o mundo Ocidental.

Indo além das datas, as próprias religiões também são elementos identitários que nos reforçam a existência de ideias que se globalizaram ou, ao menos, que se encontram a partir de lugares muito distintos. Se você é católico, protestante, budista, espírita kardecista, islamista, candomblecista ou umbandista, só no último caso você pode dizer que é de uma religião que se originou e sintetizou no Brasil, mas, mesmo na Umbanda e em todas as outras, há crenças, normas, valores e verdades que vieram de longe até serem aceitas por você e pelos seus familiares. Suas crenças religiosas, assim como as datas, também se envolvem na explicação desse mundo globalizado.



A Umbanda deriva da junção do catolicismo trazido pelos portugueses e de religiões de matriz africana trazidas pelos escravizados. Na fotografia, membros do Grupo Ilú Obá De Min participam da lavagem da escadaria do Bixiga e da Rua Treze de Maio, no centro de São Paulo – SP, no dia 13 de maio de 2016.

Seguindo adiante, pense agora no seu celular e na relação dele com a globalização ou, melhor dizendo, em como um celular é capaz de aproximar quem o utiliza de vários espaços e realidades do mundo. A primeira aproximação em que costumamos pensar diz respeito à função comunicativa do aparelho: sabemos que basta uma conexão com a Internet ou alguns recursos financeiros para que essa pequena máquina possa colocá-lo em contato com alguém que está muito distante. Essa tecnologia comunicativa não é perfeitamente compreendida por todas as pessoas (eu, por exemplo, não saberia construir um celular do zero), mas há um uso bastante amplo dela, o que chega a modificar a maneira como as pessoas interagem umas com as outras.

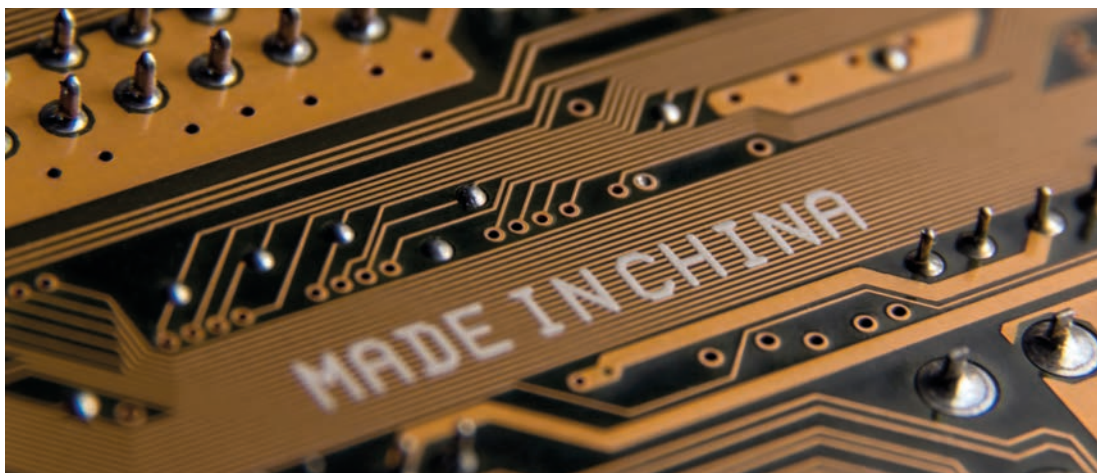
A simplicidade do uso dessas ferramentas comunicativas faz com que seja possível para você, por exemplo, adicionar um adolescente norte-americano ou alemão a uma das suas redes sociais e tornar-se amigo dele. Através da Internet, você pode, ao mesmo tempo, falar com um amigo da sua escola, um vizinho que mora na sua rua ou no seu prédio e com alguém que está do outro lado do mundo. Em outras épocas, essas comunicações não eram tão simples, gerando uma grande complicação e até mesmo uma impossibilidade de contatar essas pessoas.



DoublePHOTO studio/Shutterstock.com

A Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, analisou dados sobre o número de países que mais caminham no mundo. O estudo usou o acelerômetro, equipamento usado para gravar os passos de quem está usando o celular. O país que mais caminha no mundo é Hong Kong, com 6.880 passos por pessoa, o Brasil ficou com a 40ª posição, com 4.289. Na imagem, Hong Kong (região administrativa especial), China.

Mas o seu celular ainda o conecta com o mundo de outra forma. Se você desligar e desmontar o aparelho, certamente encontrará, em algumas das peças, referências diretas ou indiretas a outras partes do mundo. Agora mesmo, no meu celular, posso ler as seguintes mensagens gravadas na bateria *“Made in China / Fabriqué en Chine / Ensamblado en China / Montado na China”*, todas essas frases nos dizem em inglês, francês, espanhol e português, respectivamente, que esse celular esteve na China, onde foi montado, antes que eu o comprasse em uma loja perto da minha casa. Antes que eu tocasse meu celular novo pela primeira vez, ele já havia sido tocado, durante a sua fase de produção, por um ou mais trabalhadores da fábrica.



ROMSVETNIK/Shutterstock.com

A frase em quatro idiomas também me indica que a empresa que comandou a sua produção, que por acaso é uma corporação transnacional (falaremos sobre isso depois) com sede em Seul, na **Coreia** do Sul, estava interessada em vendê-lo para uma diversidade de pessoas, não só para uma multidão de falantes do inglês, como os neozelandeses e os canadenses, mas também para franceses, espanhóis, argentinos e brasileiros. Pessoas de qualquer nacionalidade citada, e ainda de muitas outras, poderiam entender a frase, que, de propósito, foi destinada para muitos receptores possíveis.



Mineradores trabalhando em condições precárias em mina de tantalita na República Democrática do Congo.

Em uma breve pesquisa sobre alguns componentes do meu celular, principalmente insumos utilizados para produzi-lo, encontrei algumas páginas com informações sobre uma liga metálica chamada coltan, formada pela união dos minérios columbita e tantalita, e que graças à sua boa condutividade térmica e eficácia energética é muito utilizada em celulares, televisores e computadores. Em uma das muitas páginas encontradas, o autor denunciava as condições de miséria e violência sob as quais os minérios eram extraídos de alguns espaços, como Ruanda, Uganda e, principalmente, da República Democrática do Congo — note que todos esses países são do continente africano, espaços onde muitas mortes, trabalho escravizado, conflitos e desestabilizações políticas eram explorados para garantir um menor custo para esse insumo. Em outra página, o fabricante do meu celular, em forma de uma declaração ecológica, garantia que não fazia uso nos seus produtos (e, assim, também não no meu celular) de coltan dessas regiões, mas, sim, dos Estados Unidos, da Rússia e da Tailândia.



Alberto Loyo/Shutterstock.com

A bateria dos aparelhos celulares utiliza lítio, um metal que possui grande capacidade energética. Na fotografia, o Salar de Uyuni, um deserto de sal de 12 mil km² localizado no sul da Bolívia, onde está a maior jazida de lítio do mundo.

Veja quantos nomes de países foram mencionamos só para falar do meu celular, da sua empresa responsável, do seu processo de montagem e de apenas uma das muitas matérias-primas utilizadas. O aparelho que está na minha mão, assim como o seu, envolve muitos lugares do mundo. Em resumo, no caso do meu, podemos dizer que a marca que lhe dá referência está sediada na **Coreia** do Sul, alguns elementos que os constituem vieram dos Estados Unidos, da Rússia ou da Tailândia (ou talvez, conforme as denúncias, tenham vindo de um país africano), sua montagem foi feita na China e de lá viajou para compradores falantes de inglês, espanhol, francês ou português, que poderiam estar em qualquer lugar do mundo.

O que precisa ficar claro, em todo esse movimento, é que as relações de trabalho que estão envolvidas na produção de um bem, como um celular, também são marcadas pelo mundo globalizado. A amplitude das empresas e as tecnologias de transporte tornam possível que sejam montados produtos cujas peças vêm de lugares diferentes e algumas vezes muito distantes entre si, além de serem pensados, confeccionados e vendidos levando em consideração todo o mundo, e não um só lugar. E cada um dos lugares desempenha o papel em questão não por acaso, mas por razões históricas, políticas e econômicas.



Tiny/Shutterstock.com

A Huawei, segunda maior fabricante de celular no mundo, com sede na China, é um exemplo de empresa globalizada. Na imagem, ela participa de um evento de tecnologia na cidade de Milão, Itália.

Há, por exemplo, uma razão para que o país de montagem seja a China, e não o Brasil, assim como há um motivo para que a sede dessa empresa da área tecnológica seja a Coreia do Sul, e não o Uruguai, da mesma forma que também há explicações racionais para empresas explorarem recursos minerais em países da África, e não da Europa. Todas essas razões se relacionam com a globalização e serão mais bem compreendidas à medida que tenhamos entendido com maior profundidade alguns elementos desse mundo global.

Por ora, basta que tenhamos em mente que somos sujeitos de um mundo globalizado, mesmo sem sairmos do lugar onde estamos, uma vez que os produtos que usamos, as informações que nos dão referência e até nossos nomes carregam viagens e contribuições de outras partes do mundo, algumas nas quais nunca estaremos. Também é importante ter em mente que essas relações que se desenrolam no mundo globalizado não são aleatórias. Ao longo deste livro, entenderemos melhor alguns dos motivos que ligam esse mundo e surgirão dúvidas sobre outros ainda, mas certamente caminharemos para perceber melhor algumas faces desse mundo globalizado e para nos localizarmos nele.



No mundo globalizado, as peças utilizadas na fabricação de um bem de consumo muitas vezes provêm de diferentes países. Na fotografia, linha de montagem de motores em fábrica de automóveis chinesa.



Mas o que é essa globalização?

Aceitamos que somos sujeitos globalizados, que mesmo vivendo todo o tempo em um único lugar, acabamos entrando em contato com outras partes do mundo. Em outras palavras, podemos dizer que mesmo os lugares em que nunca estivemos e as pessoas que nunca conhecemos não são plenamente indiferentes a nossas vidas. Não é porque nunca fomos ao Oriente Médio, e talvez não tenhamos planos de ir, que um conflito ou uma questão política naquela região vai ser de pouca importância para o nosso **dia a dia**.

A questão, a partir de agora, é entender como isso se dá e compreender os principais caminhos de integração, ou seja, as principais formas a partir das quais lugares diferentes passam a ter uma existência interdependente. Para tanto, o primeiro passo é desbravar o termo *globalização*, buscando no conceito pistas para os desafios de apreender este mundo globalizado, suas facetas e o nosso lugar nele.

Muitos estudiosos se dedicaram e ainda se dedicam ao estudo da globalização, e muitos deles propuseram conceitos ou raciocínios importantes para compreendermos esse processo. Iniciaremos nossa trajetória a partir do conceito desenvolvido pelo sociólogo Anthony Giddens. A escolha desse pensador, em vez de outros, deve-se à amplitude do conceito, muito interessante para iniciarmos nossa compreensão.



O sociólogo Anthony Giddens nasceu em Edmonton, Inglaterra, no ano de 1938, e se formou pela Universidade de Hull. Começou a ensinar Psicologia Social na Universidade de Leicester em 1961.

Para Giddens, a globalização pode ser definida como uma intensificação de relações sociais mundiais que ligam localidades distantes de forma que acontecimentos que se desenrolaram localmente são influenciados por eventos ocorridos a muitos quilômetros de distância, e vice-versa. O que falamos até agora se compatibiliza com esse conceito, pois o autor chama a atenção para os acontecimentos, as localidades e o fato de que eles não se isolam, mas, ao contrário disso, ligam-se a outros acontecimentos e outras localidades. A melhor parte dessa definição, para seguirmos adiante, é dar pistas para compreendermos como essa ligação acontece, isto é, através da intensificação de relações sociais mundiais.



A Bolsa de Valores de Tóquio, fundada em 1878 e considerada a terceira maior bolsa de valores do mundo, faz parte da globalização. Se houver uma queda de ações e investidores lá, isso repercute em outras bolsas do mundo, inclusive no Brasil.

Os lugares, como sabemos, continuam distantes entre si. O Brasil, por exemplo, fica geograficamente bem longe do Japão: para chegarmos lá em um **voo**, passaríamos cerca de 30 horas em trajeto, mas as relações sociais mundiais ajudam a construir outro tipo de proximidade. Por nos relacionarmos com o Japão, a distância entre nós e eles passa a ser relativa em alguns sentidos, e o que acontece lá pode ter repercussões por aqui.

É como se todo o globo terrestre estivesse interligado por cordões ou uma teia de aranha que, sem se romper, tocasse diversas localidades, formando um grande entrelaçado de fios. Assim, quando um acontecimento movimenta um local, mesmo sendo algo particular, o puxão na teia faz com que a realidade de outros pontos também seja afetada, ou, melhor dizendo, com que acontecimentos locais consigam ser sentidos para além dos limites de um território.

Assim, para além da distância de cerca de 30 horas em viagem de avião, o Brasil e o Japão estariam sendo tocados por essa teia que, ao ser puxada de um lado, poderia ser sentida do outro. A teia é uma metáfora para essas relações sociais globais, ou seja, uma forma de simbolizar um contato entre lugares que, na verdade, não se tocam fisicamente. Resta-nos perguntar: se algumas localidades continuam sendo muito distantes umas das outras, a exemplo do Brasil em relação ao Japão, de que forma um acontecimento repercute em outro espaço? Ou, ainda, quem ou o que participa dessas relações sociais globais?



NicoElNino/Shutterstock.com

Na imagem, representação de redes geográficas que são elaboradas por pontos fixos conexos e em movimento. Lugares do Planeta Terra que são conectados e se interligam.

Não é, de fato, um cordão ou uma teia de aranha o que une essas localidades distantes, mas, sim, as pessoas, os produtos e as **ideias**. Em outras palavras, as relações sociais globais são relações que envolvem pessoas, produtos e ideias, que em outros períodos se limitariam a interagir nos limites das suas localidades, mas nas sociedades globais se espalham e atingem outras partes do mundo.

Retomando a relação Brasil-Japão, não é o território brasileiro que se aproxima do japonês nem é uma linha imaginária, mas são pessoas, produtos e ideias que garantem outra forma de proximidade e que permitem a essas localidades não estarem isoladas uma da outra. Você pode ser um descendente de japonês, tornando essa relação muito mais evidente, mas, mesmo que não o seja, as correntes migratórias que trouxeram japoneses para o Brasil nas primeiras décadas do século XX (proporcionando a relação de pessoas) trouxeram também um conjunto de ideias e hábitos que passaram a fazer parte da sua vida.



Kongsak/Shutterstock.com

O *sushi*, por exemplo, é uma comida típica do Japão muito difundida no Brasil.

É bem improvável que você nunca tenha entrado em contato com um desenho japonês ou um mangá, ou ainda que nunca tenha provado comida japonesa ou alimentos inspirados nela, como os macarrões instantâneos, também é improvável que você não saiba o que é um *origami* ou o judô. Todos esses exemplos foram bastante superficiais e focados em questões culturais, mas, mesmo neles é possível perceber a relação com pessoas, produtos e ideias.



A arte do *cosplay*, tão difundida no mundo pela cultura japonesa, nasceu nos Estados Unidos em 1939 e chegou ao Japão na década de 1980. Ganhou repercussão mundial a partir do *Comic Markets*, a maior feira de revistas, mangás e cultura japonesa em geral, que acontece na cidade de Tóquio, Japão.

Voltando ao conceito de Giddens, podemos dizer que a globalização é uma intensificação das relações entre pessoas, produtos e ideias, que fazem com que acontecimentos de localidades distantes estejam interligados entre si. Assim, em um mundo globalizado, conforme esse conceito, há um deslocamento que aproxima, de diversas formas, mesmo aqueles que permanecem parados em um único ponto do globo.

Quanto mais globalizado forem o mundo e as sociedades, mais integrados e mais simples serão os fluxos e o contato entre esses três elementos, independentemente da sua origem e do seu destino. Mas será que todas as pessoas, todos os produtos e todas as **ideias** podem transitar livremente ou existem barreiras para alguns desses elementos? Se existem, isso implica que, na verdade, não somos globalizados?

Não precisamos pensar muito para responder que nem todas as pessoas, produtos e ideias transitam com a mesma liberdade. Falando das pessoas, pa-

ra começar, temos conhecimento de que nem todos os que tentam se deslocar encontram portas abertas. Para muitos, a falta de consentimento faz com que permaneçam em situações precárias; para outros, as restrições quanto ao deslocamento conduzem à clandestinidade, é o caso dos imigrantes ilegais.

Essa limitação, que também pode ser vista, ainda que de forma diferente, em relação aos produtos e às ideias, não implica dizer que certas localidades não fazem parte do mundo globalizado. Na verdade, as dinâmicas do mundo global, ao menos no presente momento, são marcadas por grandes diferenças e desigualdades com relação ao papel que cada nação desempenhará e as vantagens ou desvantagens que serão **consequência** desse papel.

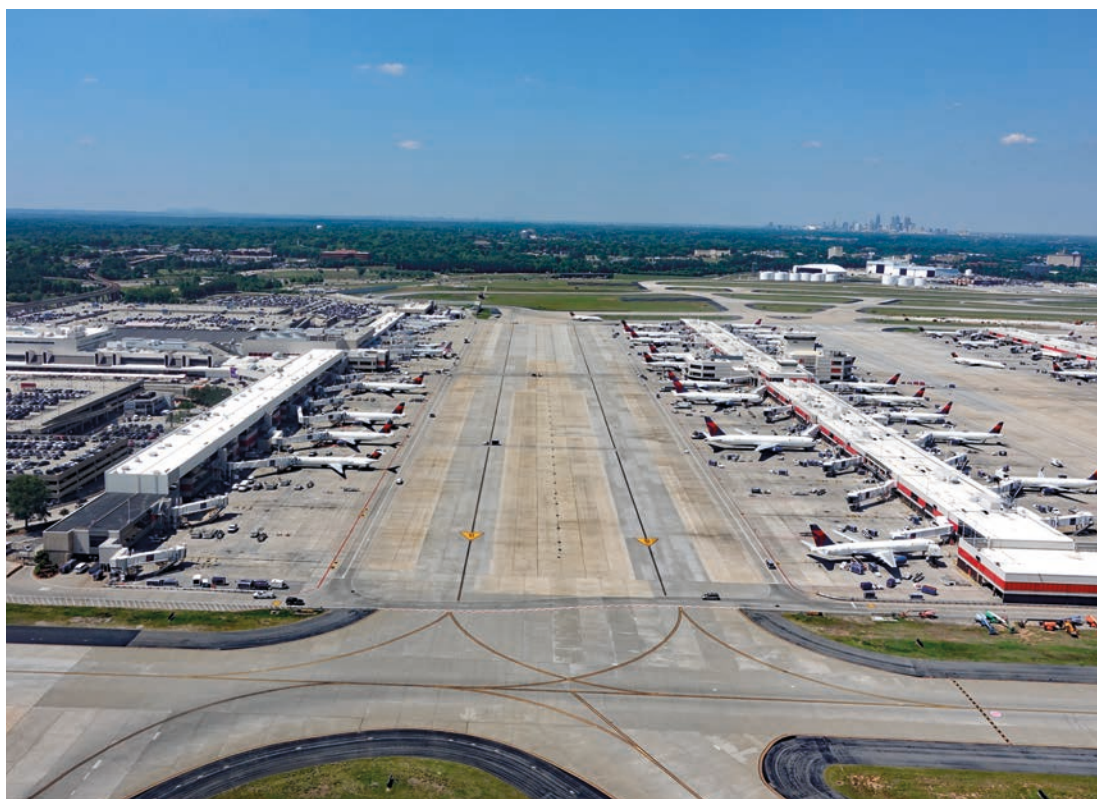
Se você recordar o exemplo do telefone celular, de que falamos anteriormente, lembrará que alguns países apareciam como centros administrativos e tecnológicos, outros como fonte de matéria-prima e outros, ainda, como fornecedores de **mão de obra**. Também no caso das relações de trabalho que implicam a produção do celular, a globalização é marcada por desigualdades, pois os diversos momentos da produção são valorizados e remunerados de forma muito distinta.



A saga Star Wars, criada nos Estados Unidos, tem milhares de fãs pelo mundo e usa como base elementos da cultura japonesa, a exemplo dos *jedis*, das roupas, etc. Evento *cosplay* realizado na cidade de Belo Horizonte – MG, em 2017.

Quanto às ideias, também é verdade que a cultura de alguns países consegue se deslocar e atingir outras localidades com maior facilidade. Pense, por exemplo, em nomes de cantores internacionais famosos no Brasil ou em filmes que foram muito populares por aqui. Essas representações culturais, que também são produtos de uma indústria cultural, costumam vir de alguns espaços, e não de outros, mostrando que também as identidades, as ideias e as expressões culturais conseguem sair da sua localidade de origem e transitar pelo mundo com maior ou menor dificuldade.

Adiante exploraremos alguns olhares que ajudam a entender porque as interações ocasionadas pela globalização podem trazer repercussões tão distintas e ainda as interpretações de outros autores para os caminhos conduzidos pela globalização. Por ora, precisamos lembrar que a globalização será concebida como a intensificação na relação entre pessoas, produtos e ideias que aproximam diversas localidades e que essas localidades não se aproximaram de maneira igual e equilibrada, fazendo com que haja diferentes níveis de participação no mundo globalizado e diferentes vantagens e desvantagens nesse conjunto de interações.



Thomas Barrat/Shutterstock.com

Uma das desvantagens da globalização consiste na velocidade com que muitas doenças se alastram entre os países. Por essa razão, é comum os governos manterem rigorosa fiscalização nos aeroportos que recebem voos internacionais. A intenção é evitar, entre outros males, a entrada de produtos contaminados. Na foto, aeroporto de Atlanta, Estados Unidos, um dos mais movimentados do mundo.



Reflexão

1 (IFSP – Adaptada) Segundo o geógrafo Milton Santos e as ideias que você já absorveu, “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de”

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 23.

- a** ☐ prevenção de crises do capitalismo.
- b** ☐ popularização do capitalismo.
- c** ☐ internacionalização do mundo capitalista.
- d** ☐ regionalização fechada do capitalismo.
- e** ☐ economia segura do sistema mundial capitalista.

2 (Fuvest – Adaptada) O local e o global se determinam reciprocamente, umas vezes de modo congruente e **consequente**, outras de modo desigual e desencontrado. Mesclam-se e tencionam-se singularidades, particularidades e universalidades. Conforme Anthony Giddens, “a globalização pode, assim, ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância, e **vice-versa**. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é, assim, uma parte da globalização”.

Octávio Ianni, *Estudos Avançados*. USP. São Paulo, 1994. Adaptado.

Neste texto, escrito no final do século XX, o autor se refere a um processo que persiste no século atual. A partir desse texto, pode-se inferir que esse processo leva:

- a** ☐ à total padronização da vida cotidiana.
- b** ☐ à melhor distribuição de renda no planeta.
- c** ☐ à intensificação do convívio e das relações afetivas presenciais.
- d** ☐ ao intercâmbio equilibrado de influências entre o local e o global, no qual ambos participam da construção de uma nova cultura para o mundo globalizado.
- e** ☐ ao intercâmbio de influências entre o que é cotidiano e o que é externo, em que algumas vezes o local pode ser padronizado pelo global.

3 (Uerj)



As mesmas forças produtivas engajadas no desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo produzem tanto a integração como a fragmentação. As muitas variações de formas sociais de vida e de trabalho, compreendendo grupos e classes, etnias e minorias, nações e nacionalidades, religiões e línguas, são **frequentemente** recriadas.

Octavio Ianni. *Sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Adaptado.

O cartum e o texto expressam diferentes pontos de vista acerca do processo de globalização. Essa diferença se manifesta pela contradição entre:

- a ☐ A globalização ser responsável por polarizar ou dispersar a economia.
- b ☐ A globalização gerar uma elitização de uma pequena parte da população ou de desenvolver uma popularização financeira.
- c ☐ A globalização ser responsável por uma homogeneização ou pela potencialização da diversidade cultural.
- d ☐ A globalização levar à especialização e flexibilidade profissional ou à perpetuação condições de trabalho ruins.
- e ☐ A globalização atingir a todos ou a apenas uma parte da população.

4 (Uece – Adaptada) No que tange ao processo de globalização, são feitas as seguintes afirmações:

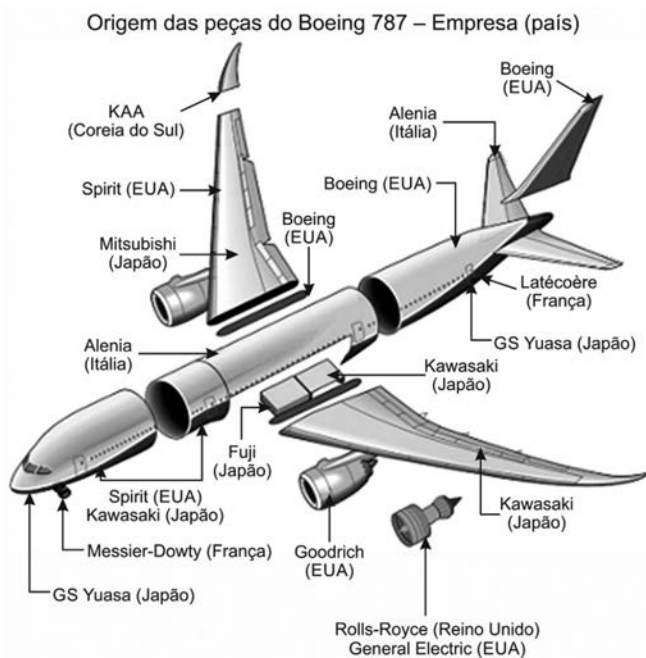
- I. Esse processo permite que as pessoas conheçam o planeta extensiva e profundamente.
- II. Apesar do aumento da internacionalização da economia e das finanças mundiais, muitos países, regiões dentro de países e até áreas continentais não são alcançados plenamente pelo movimento de globalização, a não ser sob a forma contraditória de sua própria marginalização.

III. Uma das estratégias da economia globalizada é a de internacionalizar a produção, indo buscar em diversos espaços o melhor serviço possível com o menor custo, o que faz com que uma mesma empresa possa pagar altos salários em alguns espaços e baixos ou baixíssimos em outros.

É **correto** o que se afirma em:

- a ☐ I, II e III. b ☐ I e II apenas.
c ☐ I e III apenas. d ☐ II e III apenas.

5 (Unesp – Adaptada)



Considerando o exemplo apresentado e a relação das multinacionais com o espaço mundial, no contexto da globalização, identifique o que ocorre com o processo produtivo dessas empresas. Cite dois fatores que levam as empresas a adotarem essa nova estratégia.



As fronteiras do que importa

Imagine se você tivesse nascido em um feudo, lá pelos meados dos séculos VI ou VII, e vivesse uma vida comum para a época: certamente, a maior parte (senão tudo) do que você consideraria importante estaria ligado territorialmente a esse feudo. Desse espaço sairia o seu alimento, o seu trabalho e a matéria-prima para a produção das suas roupas; no feudo, ainda estariam os seus amigos e familiares, seu templo religioso, os seus lugares de diversão e de moradia.

Em um caso como esse, as fronteiras do que importa estariam limitadas ao espaço territorial do feudo, uma vez que praticamente tudo o que seria utilizado para viver e durante toda a vida estariam nele de maneira **autossuficiente**. Esta era, na verdade, uma característica fundamental da sociedade feudal: a sua **autossuficiência**. Quando dizemos que cada feudo costumava ser autossuficiente, estamos dizendo que nele era produzido o que era necessário para a vida levada naquela época.

Essa vida não era, certamente, de muita variedade e excessos, pelo menos não para as pessoas comuns. Dizer que o feudo conseguia produzir o alimento necessário, por exemplo, não é o mesmo que dizer que eram produzidas variadas comidas adequadas para os gostos de todos os moradores do



Complexo do Castelo de Mir, Bielorrússia.

lugar. Na verdade, tanto para a alimentação quanto para outras necessidades, havia uma oferta compatível com o que se produzia por lá, que poderia ser apenas um tipo de cereal, como trigo ou aveia, e alguns legumes, frutas e verduras utilizados para produzir o que fosse possível.



O cenário que compunha o feudo era: moinho, igreja, aldeia, pastos, campos (manso servil e manso senhorial) e castelo. A palavra *feudo* começou a ser usada por volta do século IX e correspondia a *dar alguma coisa em troca de outra*. Castelo medieval de Pierrefonds, na cidade de Oise, França.

Diferentemente de hoje, em que podemos escolher em uma praça de alimentação comidas de diferentes origens ou pedir pelo telefone (*delivery*) uma porção de comida chinesa, os servos e seus filhos costumavam ter com os alimentos uma relação muito mais simples. Seria plantado aquilo que fosse compatível com o tempo e com a terra e seria alimento aquilo que brotasse

como resultado desse trabalho agrícola. Assim, dificilmente alguém desejaria algo diferente disso, afinal essa era a forma de viver da época.

Se um feudo tivesse produção em excesso, ou seja, produzisse mais do que o suficiente para alimentar os seus moradores, nesse caso poderiam ser realizadas trocas. Um feudo daria algo que tem em excesso em troca de algo que desejasse. A troca era feita entre produtos, sem o intermédio do dinheiro, muito pouco utilizado na sociedade feudal. Note que, no caso de uma troca entre feudos, na qual se dá o excesso em busca de algo desejado, mas dispensável, a **autossuficiência** não fica comprometida.



Reprodução

Muitos historiadores afirmam que a Idade Média teve uma retração da economia, pois tudo girava internamente nos feudos, quase que sem contato algum com outras regiões, o que apontava para o enfraquecimento do comércio.

Entretanto, se as trocas passam a incluir não só os excessos, mas também a envolver os elementos básicos para a sobrevivência, nesse caso as fronteiras do que importa se expandem. Em uma situação de total autossuficiência, os problemas na colheita de outro feudo importam muito pouco, mas, se você depende de parte da colheita do feudo vizinho, pois parte do que ele produz é trocado com o seu feudo, nesse caso a boa colheita deles

é tão importante para a sua sobrevivência quanto a sua.

Partindo da sociedade feudal e seguindo adiante, as situações de autossuficiência tornaram-se gradativamente escassas. As trocas, que foram se tornando cada vez mais importantes e sofisticadas, ao fim da sociedade feudal, garantiram que aumentassem também as relações entre locais distantes e a dependência entre eles.

Com o fim do feudalismo e o início da unificação das nações, pensando na realidade **européia**, as fronteiras do que importa se expandiram de uma propriedade, como o feudo, para um Estado Nacional, isto é, para um país. E, como os países passaram a fazer trocas também uns com os outros, a trama de relações e de interdependências continuou se ampliando.

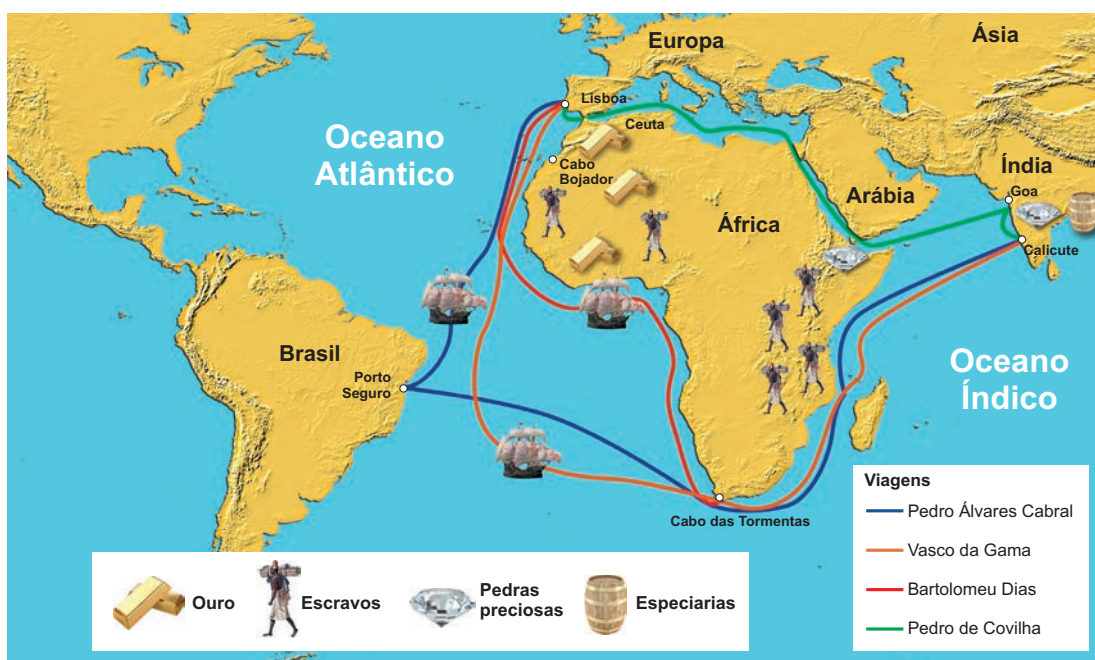
Representação de quatro feudos separados apenas por rios. Nessa situação específica, a troca de excedentes era extremamente fácil, mas, quando os feudos eram distantes, o transporte de alimentos perecíveis, como leite, dificultava bastante esse comércio.

Reprodução



Globalização e capitalismo

As trocas realizadas entre os feudos são embriões das relações comerciais que levariam, junto a muitos outros fatores, ao desenvolvimento do capitalismo. Retomando o conceito de globalização de Anthony Giddens, que a percebe como uma intensificação de relações globais, podemos compreender que as trocas de produtos e, posteriormente, a sua compra e venda (que continuam sendo um tipo de troca, só que desta vez por dinheiro) têm uma importante relação com a globalização. Para alguns estudiosos, a globalização que experimentamos hoje, bem como a que começou a se desenvolver séculos atrás, nada mais é do que ciclos de expansão do capitalismo.



As principais rotas comerciais marítimas dos portugueses.

Para eles, a intensificação das relações entre pessoas, produtos e **ideias** foi estimulada pelo desejo capitalista de expandir os espaços de comercialização. Na expansão marítima, por exemplo, o desejo comercial de encontrar novas rotas e novos produtos teria sido o responsável por intensificar a relação não mais de países vizinhos, mas de terras separadas por longas distâncias.



As feiras medievais congregavam diferentes culturas, que vendiam e trocavam variadas mercadorias. Festival Kau-nas, na Lituânia, em 2017.

A partir da expansão marítima e das situações que foram **consequência** dela, como o processo de colonização, tanto as pessoas dos locais de onde as viagens começaram quanto as dos seus destinos passaram a viver em um mundo ampliado em que não só passaram a saber que existiam outras realidades, mas também passaram a ser influenciadas pelo que ocorria nessas terras distantes.



Luan Rezende/Shutterstock.com

No centro da imagem, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, que fica no largo da Carioca, Rio de Janeiro. Esse santuário guarda a arquitetura colonial trazida pelos portugueses.

Tanto os portugueses, para citar o nosso caso, passaram a ser influenciados pelos acontecimentos da colônia quanto os nativos que viviam onde hoje é o Brasil passaram a sofrer a interferência de decisões tomadas bem depois da linha do horizonte. A existência em abundância da árvore pau-brasil, o bom desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar e a descoberta de muito ouro nas terras da colônia, por exemplo, influenciaram diretamente a realidade dos portugueses e, ainda, de nações vizinhas a Por-



Reprodução

O rei João III de Portugal iniciou a colonização do Brasil para se defender da invasão francesa. Dividiu a colônia em capitanias here-ditárias e, posteriormente, estabeleceu o governo central, em 1548.

tugal. Da mesma forma, a decisão de dividir o território em capitanias hereditárias, a existência de disputas religiosas e mesmo a Revolução Francesa são acontecimentos que, mesmo tendo sede na Europa, acabaram influenciando a maneira como a vida se desenrolava na colônia.

Esses são exemplos de como localidades separadas geograficamente estavam começando a ter sua realidade misturada, mas esse período, como dissemos, era só o começo. Adiante, as relações se tornaram muito mais complexas do que a exploração das riquezas de uma colônia. No nosso exemplo, fica claro que os acontecimentos do Brasil interessavam a Portugal, pois a maior parte das riquezas retiradas daqui acabariam sendo desfrutadas na Europa, da mesma forma que Portugal interessava à colônia, pois era lá que eram tomadas as decisões e assinadas as ordens a serem cumpridas do lado de cá do Atlântico.



witaya ratanasirulchai/Shutterstock.com

A cultura oriental e as ruínas arquitetônicas de origem portuguesa se misturam na paisagem de Macau, na China, evidenciando a ocorrência do contato entre esses dois povos no passado. Na imagem, ao fundo, ruínas da antiga Igreja da Madre de Deus e do adjacente Colégio de São Paulo, ambos construídos pelos jesuítas no século XVI.



Dennis Wegewijs/Shutterstock.com

O neocolonialismo foi um dos fatores que contribuíram diretamente para o atual subdesenvolvimento de muitos países africanos. Uganda, antiga colônia inglesa, ainda enfrenta sérios problemas socioeconômicos, com a maioria de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza. Na fotografia, a cidade de Kampala, capital.

Mas, além dessa fase mercantil de exploração e acumulação de riquezas, a fase seguinte de expansão do capitalismo, que podemos chamar de **capitalismo industrial**, ou **industrialismo**, também levou a uma intensificação das relações entre pessoas, produtos e **ideias**. As indústrias, grande fonte de riqueza do período, expandiram-se para além do território nacional e foram buscar mercado consumidor e novas fontes de matéria-prima em países da Ásia e da África, dando origem a uma nova forma de colonizar e explorar terras distantes, expandindo as fronteiras do que é considerado importante para os povos das nações exploradas e exploradoras.



Reprodução

Com a industrialização, a partir do século XIX, as potências econômicas buscaram se industrializar. Assim, necessitaram conquistar novos territórios, de onde pudessem extrair matérias-primas. Omitindo as matanças e o desrespeito aos nativos, a conquista de nações, pela violência, comumente era mostrada como um feito épico pelos países imperialistas.

Na atualidade, o capitalismo segue em expansão. As empresas continuam crescendo e ampliando seus mercados a ponto de ultrapassar as nações. É comum ouvirmos falar de empresas multinacionais ou transnacionais, de forma a indicar organizações que não estão atreladas a um único país, mas funcionam entre nações, explorando o que há de mais interessante em cada um deles. Para essas grandes e poderosas empresas, bem como para os seus produtos, não há fronteiras para o que interessa.

Se você se recordar do exemplo do celular, do qual tratamos ao começar a nossa conversa, verá que a ação daquela empresa ia além dos limites de uma nação, utilizando todo o mundo como espaço produtivo, seja como local para explorar matéria-prima e **mão de obra**, seja como espaço para vender seus produtos. Para essas dinâmicas, o Planeta deixou de ser um ente astronômico e passou a ser um território vasto, mas passível de ser explorado, independentemente de fronteiras geográficas e de limites nacionais.

Globalização e a economia nacional

Muitas empresas chegam a ser mais ricas e poderosas que países inteiros, além de mais capazes de impor sua forma de funcionamento. Por esse motivo, para alguns analistas, a globalização tem estendido a lógica dos mercados financeiros globais para todos os aspectos da vida. A maior parte dos Estados não teria recursos suficientes nem liberdade para suportar contrariar a força das multinacionais.



Em 2016, o total da receita financeira da rede Walmart, com sede nos Estados Unidos, ficou em torno de 485 bilhões de dólares, valor maior do que o PIB de países como a Polônia, que fechou 2016 em torno de 469 bilhões de dólares. Na imagem, cidade de Revere, Massachusetts, Estados Unidos.

Alguns autores, como o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, consideram que o poder das empresas multinacionais e a sua ação globalizante vem diminuindo, na mesma proporção em que se expande o poder nos Estados Nacionais. Para Bauman, a globalização diminui a liberdade de um país de regular a sua própria economia e, com isso, atinge uma das três razões de soberania do Estado, a **autossuficiência** econômica, restando apenas a militar e a cultural, da qual falaremos a seguir.

De acordo com Bauman, o Estado não deve tocar em coisa alguma relacionada com a vida econômica: qualquer tentativa nesse sentido enfrentaria imediata e furiosa punição dos mercados mundiais. Para entender essa falta de poder do Estado sobre sua própria economia, vamos retomar o exemplo do celular. Você se lembra de que, no nosso exemplo, o aparelho havia sido montado na China e nós tínhamos dito que esse fato não se dava por acaso?

De fato, não há acaso algum nessa questão, empresas multinacionais costumam priorizar países como a China pelas baixas remunerações que são

pagas aos trabalhadores de lá, fazendo com que a empresa gaste menos do que gastaria se a montadora ficasse localizada no Brasil, por exemplo. Agora, imagine o que aconteceria se o governo chinês resolvesse estabelecer leis que aumentassem os valores mínimos de remuneração, decidindo que um trabalhador chinês não deveria receber menos do que um europeu.

Você está certo se pensou que provavelmente muitas empresas deixariam a China e prefeririam se estabelecer em outros países, ainda sobre os ditames dos baixos salários, como Taiwan. Assim, por mais que um governante tenha a possibilidade de tomar decisões sobre a economia do seu país, essas decisões não podem desconsiderar os interesses do capital internacional e a possibilidade de uma empresa simplesmente fechar as portas e se deslocar para outros países, deixando milhares e até milhões sem emprego.

A necessidade de manter os empregos e as indústrias funcionando em seu território faz com que não só o governo chinês, mas muitos outros, aceitem as regulamentações do mercado internacional e deixem de tomar as decisões que envolvem a própria autonomia econômica. Ainda segundo Bauman, o Estado deixa de ser o soberano da sua economia para poder exercer apenas dois papéis: o de evitar que o orçamento se desequilibre e o de auxiliar a parte da população que sofre com as **consequências** mais excludentes e desiguais da globalização.

Em resumo, para essa perspectiva, por mais que as relações entre **ideias** e pessoas estejam implicadas na globalização, é o interesse capitalista de expandir a produção, a venda e a lucratividade de produtos que comanda todo o processo. Para essa abordagem, que podemos chamar de **capitalismo global**, são as corporações transnacionais e a cultura/ideologia do consumismo, impulsionada por elas, que comandam as relações globais, sendo a mais poderosa força de socialização dos nossos tempos.

Além dessa visão, que privilegia os produtos, há outras abordagens, como a da cultura global, que vê a globalização como um fenômeno orientado pela cultura homogeneizante disseminada pelos meios de comunicação de massa. Para os teóricos dessa perspectiva, por mais que as questões eco-

Philip Bird LRPS CPAGB/Shutterstock.com



Hong Kong, território autônomo que hoje pertence à China, já foi colônia da Inglaterra no passado e guarda muito dessa cultura, como podemos ver nos ônibus de dois andares, comuns na Inglaterra.

nômicas sejam essenciais, é necessário chamar a atenção para o que acontece com as identidades locais, em contato com os processos de globalização que estimulam a formação de uma cultura global e compartilhada além das fronteiras da localidade.

Para nós, essas duas dimensões não são separadas. Por mais que haja uma explícita relação entre o capitalismo, seus produtos e a globalização, essa relação não deixa de envolver elementos culturais. Na verdade, citando o sociólogo brasileiro Octavio Ianni, a globalização expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo não apenas como modo de produção, mas também como processo civilizatório.

Com essa ideia, o autor indica que a globalização não altera apenas a maneira como a riqueza está sendo produzida, as relações de trabalho, comércio e consumo. Muito além disso, a globalização tem comandado a maneira como nos organizamos em sociedade, como conhecemos o mundo, as pessoas e nos relacionamos com eles. Por isso, a globalização não é apenas econômica, mas envolve também aspectos políticos, ambientais, culturais, migratórios e muitos outros setores das nossas vidas.

No capítulo seguinte, questões econômicas voltarão a ser mencionadas, assim como a relação entre globalização e questões ambientais, cultura e movimentos migratórios. Mas, antes de seguirmos, vamos dedicar atenção às questões políticas ainda neste capítulo.

Segundo a empresa de auditoria PwC em relatórios feitos sobre as maiores economias em 2050, a China se destacou como a maior economia do mundo, com um valor estimado do PIB em 58,499 trilhões de dólares. Na imagem, vista aérea de Xangai, China.



Globalização e a política local

Vimos que, quanto à economia, a globalização tem imposto uma ampliação das fronteiras do que importa às empresas não só que atuam em diversos países ao mesmo tempo, mas também acabam impondo a lógica de funcionamento dos seus mercados para economias locais. Muitas vezes, o mercado internacional acaba tendo mais peso na condução da economia local do que um governante eleito. Mas na política, a globalização também impõe um governo ou uma ordem global?

Sobre a existência de um governo global ou mundial, sabemos que ele não existe. Nem nós nem os nossos pais votamos para eleger o presidente do mundo. Na verdade, a política contemporânea, tanto dentro de um território quanto no que se refere a questões internacionais, continua sendo conduzida, principalmente, por países e pelos seus governos.

Nenhum país, nem mesmo os mais ricos economicamente e influentes, podem decidir livremente sobre a política de outra nação. Ainda que existam interesses e influências que fazem com que nações com menos poder no cenário mundial possam querer agradar e manter boas relações com as mais influentes, cada Estado-nação reconhecido como tal tem a autonomia da administração do seu próprio território.

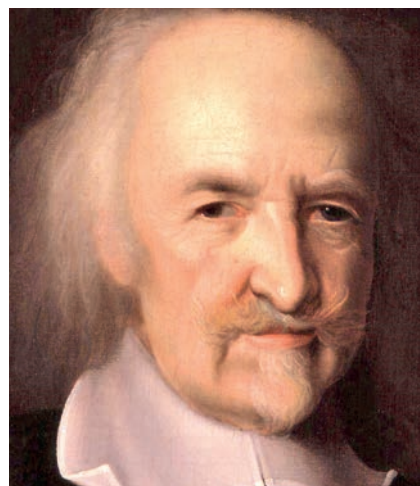
Sabendo que no mundo não há uma única nação poderosa, mas, sim, um conjunto delas, assim como há muitos países pobres e em desenvolvimento, com interesses e em situações distintas, e sabendo também que não há um



ESB Professional/Shutterstock.com

governo mundial que esteja sobre todos eles, nos perguntamos: quem ou o que organiza a política internacional? Quem ou o que é capaz de intermediar acordos entre nações soberanas e com interesses conflitantes?

A verdade é que nenhuma organização nem governante cumpre exatamente esse papel de organizar a política internacional e de intermediar conflitos. Por esse motivo, alguns estudiosos das relações internacionais chegam a dizer que o ambiente de relacionamento entre as nações é semelhante ao estado de natureza definido por Thomas Hobbes, isto é, uma situação de competição, desconfiança e iminente guerra, motivada pelos interesses conflitantes.



Reprodução

Retrato em pintura de Thomas Hobbes, de John Michael Wright, século XVII. Nascido na Inglaterra em 1588, Hobbes é o autor de *Leviatã*, obra que fala sobre a relação do governo com a sociedade.



NARA

Após a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética e os Estados Unidos dividiram o mundo política e ideologicamente, iniciando a Guerra Fria, um período de grande tensão. Na foto, tudo parece estar bem entre Nikita Krushev, primeiro-ministro da União Soviética (esquerda), e John Kennedy, presidente dos Estados Unidos (direita). Mas nos campos político e militar, havia uma tensão clara que despertava, em todo o mundo, o terror de um conflito nuclear.

Mas, diferentemente do estado de natureza de Hobbes, em que a guerra iminente seria a guerra de uma pessoa contra outra, em uma situação de política internacional, a guerra iminente seria de uma nação contra outra, sendo que ambas podem possuir armas com o potencial destrutivo para todo o

Planeta. Por esse motivo, ainda que nenhuma nação queira renunciar à sua soberania e à sua capacidade de decidir e governar, como também não quer levar a Terra a uma guerra generalizada, há regras e instituições para garantir um pouco de ordem e alguma convivência pacífica.

Falar nessa regulamentação que vai além dos interesses particulares de cada Estado é falar em Direito Internacional, isto é, em normas que regulam as relações entre países. Antes de dizer com maior detalhe o que esse direito faz, é interessante notar que a sua existência e a sua necessidade são evidências de um mundo de relações globais. Se os países não se relacionassem, não existiriam conflitos entre eles e esse direito não seria necessário. Como, ao contrário disso, os relacionamentos existem e já não é uma opção interessante resolver todos os conflitos através da guerra, tal direito precisa existir.

O marco de surgimento do Direito Internacional moderno, inclusive, são acordos feitos após uma guerra. Depois de uma série de conflitos que ocorreram na Europa entre os anos de 1618 e 1648, conhecidos com a **Guerra dos Trinta Anos**, lideranças dos envolvidos decidiram não só firmar a paz, mas também definir algumas garantias mínimas de coexistência, para que outras discordâncias não precisassem resultar em novas guerras. O simples fato de a guerra ter se encerrado com um acordo, e não com o aniquilamento ou rendimento de uma das partes, já é um avanço e um fato inédito da paz ou **Sistema de Westfália**.

Esse sistema passou a reconhecer um princípio da igualdade absoluta entre os Estados, indicando que no mundo existem Estados soberanos que não reconhecem autoridade maior do que a deles (ainda que possam reconhecer os demais países como iguais). O Sistema de Westfália ainda trouxe noções como a de “igualdade soberana”, “independência recíproca dos Estados”, “independência dos estados em relação à Santa Sé” e a identidade dos Estados como “monárquico e republicano”, sendo estes os primeiros passos para uma regulamentação internacional. O sistema destacava, entre outros, que a cada Estado competem funções como legislar, aplicar as leis e julgar o seu cumprimento nos limites do seu território, não devendo essa soberania ser ultrapassada por nenhum outro.

Essas e outras **ideias** elaboradas na região de Westfália predominaram durante séculos e, em alguma medida, ainda são utilizadas. De maneira geral, entretanto, ao se tratar de regulamentações internacionais da atualidade, outra organização deve ser lembrada. O Direito Internacional, na atualidade, é um dos objetivos fundamentais da Organização das Nações Unidas (ONU).



O Palácio das Nações, sede das Nações Unidas na Europa fica na cidade de Genebra, Suíça.

De acordo com essa organização,

o Direito Internacional define as responsabilidades legais dos Estados em sua conduta uns com os outros e o tratamento dos indivíduos dentro das fronteiras do Estado. Seu domínio abrange uma ampla gama de questões de interesse internacional, como os Direitos Humanos, o desarmamento, a criminalidade internacional, os refugiados, a migração, problemas de nacionalidade, o tratamento dos prisioneiros, o uso da força e a conduta de guerra, entre outros. Ele também regula os bens comuns globais, como o meio ambiente, o desenvolvimento sustentável, as águas internacionais, o espaço sideral, as comunicações e o comércio mundial.

A ONU também surgiu após um conflito, sendo este, entretanto, muito mais global do que a Guerra dos Trinta Anos. Estamos nos referindo, como você certamente sabe, à Segunda Guerra Mundial. Após o término desse conflito e depois de concebido o seu potencial de destruição, em 24 de outubro de 1945 foi fundada a ONU, com o objetivo de impedir que os países e os seus conflitos de interesse levassem a humanidade para mais uma guerra de proporções destrutivas, como havia sido a que se prolongou de 1939 a 1945.

A ONU possui seis órgãos principais, entre os quais se destacam a **Assembleia** Geral e o Conselho de Segurança. A Assembleia Geral é o principal órgão deliberativo. Nela cada uma das nações-membros, 193 na atualidade, tem direito a um voto em decisões que afetam o Planeta. Entre os assuntos discutidos na Assembleia Geral estão, por exemplo, a paz e a segurança mundiais, a aprovação de novos membros, a questão do desarmamento, a cooperação internacional e os Direitos Humanos.

Já o Conselho de Segurança é o órgão responsável especificamente pelas questões de paz e segurança internacional. É esse conselho, por exemplo, que determina a criação, continuação e encerramento de missões de paz; que investiga situações que podem se transformar em conflitos internacionais e que determina se existe, em certas situações, uma ameaça à paz mundial. Esse conselho tem bem menos membros que o anterior. Ele é formado por apenas 15 países, sendo cinco membros permanentes (Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, França e China) e dez não permanentes, eleitos pela Assembleia Geral a cada dois anos.

Sabemos, portanto, da existência da ONU e, ainda, da sua função de manter a paz, não só evitando conflitos, mas também através de diversos organismos que se preocupam com questões como a saúde (Organização Mundial da Saúde – OMS), migrações (Organização Internacional para as Migrações – OIM), infância (Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef), Direitos Humanos (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos – ACNUDH), refugiados (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR), entre muitos outros, enxergando, na temática de todos esses organismos, questões fundamentais para a manutenção da paz. Mesmo diante de tudo isso, sabemos também que diversos conflitos e guerras continuam acontecendo.

É comum que grandes potências declarem guerra sem a autorização da ONU, isto é, sem que a organização tenha antes recomendado métodos de diálogo, investigado a situação e afirmado que, de fato, existe uma ameaça para a paz do mundo. Isso acontece porque os Estados continuam tendo autonomia de comando dos seus exércitos. A ONU, por sua vez, nem mesmo possui um exército, atuando como força de paz, e não como força militar.

A manutenção das guerras e da violência, entretanto, não equivale a dizer que os esforços políticos da ONU são inválidos. O diálogo estimulado pelas Nações Unidas é útil para muitas decisões e para evitar que ainda outros conflitos se desenrolem. A ONU ainda é um espaço de legitimação do poder e da soberania dos Estados e, através dessa legitimação, fortalece a legitimidade ou não dos atos de diversas nações.

Percentual do orçamento da ONU 2016 e 2017

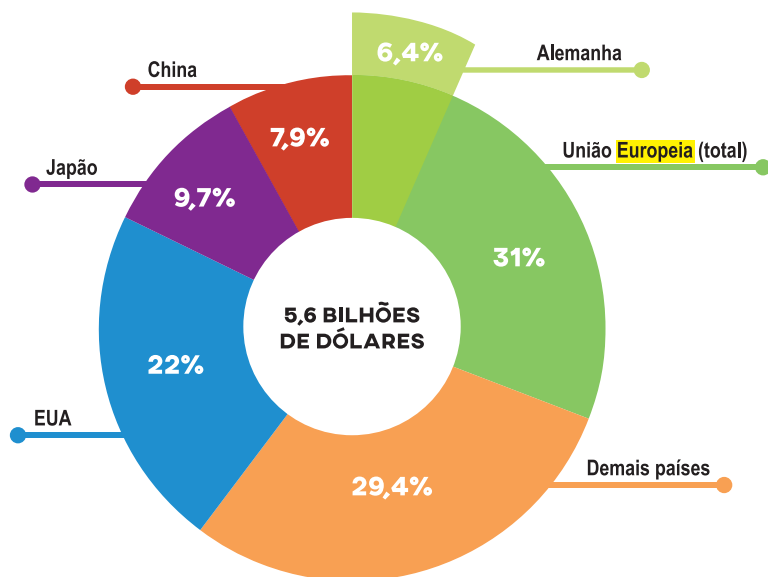


Gráfico baseado no relatório do Ministério Alemão do Exterior, sobre o percentual em valor para manter as Nações Unidas e quem “paga as contas”. O percentual da Alemanha (6,4%) está incluído no percentual da União Europeia (31%).

No ano de 2003, por exemplo, quando os Estados Unidos da América invadiram o Iraque sem o consentimento da ONU, a ação perdeu legitimidade. Por mais que o país alegasse se tratar de uma questão de segurança mundial, a falta de apoio da ONU fez com que muitas nações e muitos cidadãos, inclusive estadunidenses, desconfiassem de que outros interesses estavam levando o país a guerra.



Protesto contra a guerra do Iraque. Manifestantes pedem o fim da guerra, efetivada pelo governo Bush, com cartazes dizendo “Não ataque o Iraque” e “Não em meu nome”, manifestando o descontentamento de parte da população com as decisões políticas do presidente. Na imagem, cidade de Washington, Estados Unidos.

Assim, do ponto de vista político, por mais que não haja um comando global ou um conjunto de procedimentos que subordinem todas as nações em torno de uma lei adequada para todos, há um Direito Internacional e organizações como a ONU e seus organismos que trabalham para garantir, através do diálogo, de acordos, estudos e regulamentações, uma situação de paz. Certamente, ainda falta muito a ser deliberado e acordado, mas já é evidente que os esforços de paz não são inúteis e que a população mundial não é indiferente a eles.

Antes de seguir nossa jornada e tratarmos de algumas facetas

da globalização, é importante ter em mente o que aprendemos. Vimos que, quanto mais relações existirem entre países, mais amplas serão as fronteiras do que importa para eles. Também vimos que, para alguns estudiosos, a globalização é o resultado da expansão do capitalismo, que, através da dilatação dos seus mercados e da disseminação dos seus produtos, aproximou também pessoas e as suas culturas. Aprendemos ainda que, para além de uma questão simplesmente econômica, a globalização também pode ser percebida como um processo civilizatório contemporâneo.

Já do ponto de vista econômico, falamos sobre como a globalização expande para as empresas e para o mercado as fronteiras do que importa, fazendo com que existam organizações que não só funcionam espalhadas pelo território, mas que também conseguem influenciar a economia dos Estados e até reduzir a sua autonomia. Por fim, vimos que a redução da autonomia econômica, muito conduzida pela lógica do mercado internacional, não implica o fim de uma autonomia política.

No que diz respeito à administração dos Estados e à gestão de conflitos internacionais, as fronteiras continuam existindo e sendo claras referências de ação, muitos governantes continuam guiando seus atos mais focados nos interesses dos seus países do que em interesses gerais e compartilhados, mesmo que isso acabe gerando conflitos. Não sabemos como a política global avan-



A sede das Nações Unidas em Nova York foi construída entre 1949 e 1952. O desenho arquitetônico escolhido foi do brasileiro Oscar Niemeyer.

çará nos próximos anos, entretanto parece óbvio que, assim como a globalização é uma realidade irremediável e como as relações internacionais tendem a se tornar cada dia mais comuns, é preciso reforçar o Direito Internacional e a sua capacidade de conduzir a globalização por outros interesses, que sejam mais sustentáveis e mais pacíficos do que os interesses comerciais.



Reflexão

1 Alguns autores apontam a expansão marítima como um antepassado da globalização, uma vez que seria a partir dessas navegações que localidades muito distantes passaram não só a se conhecer, mas a ter uma existência correlacionada. Assim, considerando essa afirmativa e o conceito de globalização de Anthony Giddens, segundo o qual a globalização é uma intensificação de relações sociais mundiais que ligam localidades distantes, dê exemplo de um acontecimento vinculado ao Período Colonial que, mesmo tendo ocorrido na Europa, repercutiu no Brasil colônia e explique a relação entre eles.

2 “O Estado passa por um *strip-tease* e, no final do espetáculo, é deixado apenas com as necessidades básicas: seu poder de repressão. Com sua base material destruída, sua soberania e independência anuladas, sua classe política apagada, a nação-Estado torna-se um mero serviço de segurança para as megaempresas...

Os novos senhores do mundo não têm necessidade de governar diretamente. Os governos nacionais são encarregados da tarefa de administrar os negócios em nome deles.”

O trecho acima foi retirado pelo sociólogo Zygmunt Bauman de uma edição da revista *Le Monde Diplomatique*, em agosto de 1997, e consta no seu livro *Globalização: as consequências humanas*.

A partir do texto e do seu conhecimento, explique a relação entre a globalização e a redução da autonomia nos países na gestão das suas economias.

3 (Unesp) Com o fim da Guerra Fria, os EUA formalizaram sua posição hegemônica. Sem concorrência e se expandindo para as antigas áreas de predomínio socialista, o capitalismo conheceu uma nova fase de expansão: tornou-se mundializado, globalizado. O processo de globalização criou uma nova Divisão Internacional do Trabalho, baseado numa redistribuição pelo mundo de fábricas, bancos e empresas de comércio, serviços e mídias.

Loriza L. de Almeida e Maria da Graça M. Magnoni (orgs.). *Ciências humanas: Filosofia, Geografia, História e Sociologia*, 2016. Adaptado.

Dentre as consequências do processo de globalização, é **correto** citar:

- a** ☐ o nascimento do governo universal e democrático.
- b** ☐ a pacificação das relações internacionais.
- c** ☐ o enfraquecimento dos Estados-nações.
- d** ☐ a abolição da exploração social do trabalho.
- e** ☐ o nivelamento econômico dos países.

4 (Uema) Analise o texto.

O fator fundamental para que a economia globalizada pudesse existir é a grande novidade da nova ordem mundial [...] Podemos assistir aos acontecimentos e acompanhá-los de qualquer parte da Terra no exato momento em que estão ocorrendo, seja uma corrida de Fórmula 1, um jogo da Copa do Mundo ou conflitos no Oriente Médio. É possível comprar produtos fabricados em vários países, em luxuosos *shoppings* ou mesmo na barraquinha do ambulante da esquina.

RIGOLIN, Tércio Barbosa; ALMEIDA, Lúcia Marina Alves. *Fronteiras da globalização: Geografia Geral e do Brasil*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Ática.

Os fatores relacionados ao fenômeno da globalização são os seguintes:

- a** ☐ equilíbrio fiscal e desestímulo ao consumo nos países centrais, custo de **mão de obra** adequada à competição internacional nos mercados emergentes.
- b** ☐ novas tecnologias, implantação da modernização do campo e crescimento da indústria artesanal.
- c** ☐ revolução industrial, revolução técnico-científica e expansão das empresas transnacionais.
- d** ☐ consolidação dos blocos econômicos, intensificação das relações comerciais e nacionalização da mão de obra.
- e** ☐ regionalização do espaço mundial em blocos, esvaziamento econômico do setor de serviços e facilidades de deslocamentos de informações.

5 Leia atentamente o seguinte excerto sobre globalização:

“A fábrica global instala-se além de toda e qualquer fronteira, articulando capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social e outras forças produtivas. Acompanhada pela publicidade, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural, misturadas em jornais, revistas, livros, programas de rádio, emissões de televisão, videocliques, fax, redes de computadores e outros meios de comunicação, informação e fabulação, dissolve fronteiras, agiliza os mercados, generaliza o consumismo”.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 2002. p. 19.

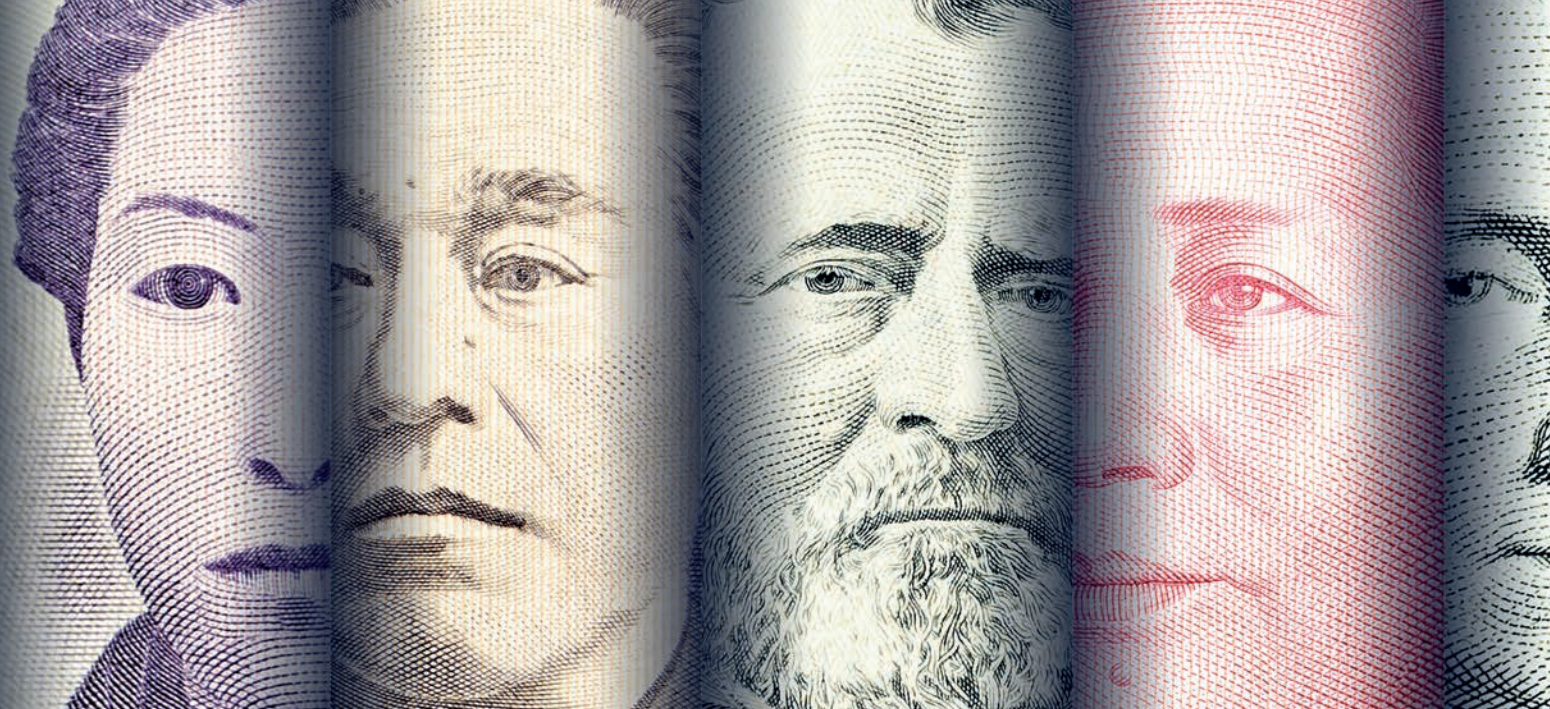
Considerando o processo de globalização, analise as afirmações a seguir e assinale com **(V)** as verdadeiras e com **(F)** as falsas.

- I. () A tecnologia é apontada como um dos principais fatores responsáveis pela consolidação da globalização no século XX.
- II. () O processo de globalização vai além do campo econômico, possuindo também um forte componente cultural.
- III. () Provoca a desterritorialização e a reterritorialização de coisas, pessoas e **ideias**, promovendo o redimensionamento de espaços e do tempo.
- IV. () No mundo globalizado, os trabalhadores perderam espaço para as máquinas devido à necessidade de produzir-se mais e de forma mais eficiente a um custo mais baixo. Esse processo leva gradativamente ao desemprego generalizado.

A **sequência correta**, de cima para baixo, é:

- a ☐ V, F, V, F.
- b ☐ F, V, F, V.
- c ☐ F, F, V, V.
- d ☐ V, V, V, F.
- e ☐ F, F, F, F.

6 A ONU foi criada no final da II Guerra Mundial e tinha como um de seus objetivos promover a paz e o diálogo internacional, atuando eventualmente como uma espécie de mediadora imparcial em conflitos socioeconômicos. A esse respeito, a instituição tem exercido bem o seu papel? Justifique sua resposta.



Trabalhadoras e trabalhadores do mundo inteiro

A globalização não se manifesta apenas no mercado global ou na redução da soberania dos Estados, duas realidades que, mesmo muito importantes, parecem bem distantes de nós. A este ponto, você já deve ter imaginado que essas grandes questões estão interligadas a outras, menores e mais próximas da nossa vida.

A partir de agora, vamos nos dedicar a questões mais específicas. Em todas elas, continuaremos nos referindo à globalização como conceito e a suas grandes dimensões, mas passaremos a observar outras implicações, principalmente no campo do trabalho, da cultura, das migrações e dos problemas ambientais.

Cada um desses elementos será tratado separadamente apenas por um fim didático e para que seja possível pensar na globalização como repleta de faces. Mas, antes de retomarmos essa viagem, é importante lembrar que, na verdade, não existe realmente um isolamento, todas as faces da globalização são complementares e interligadas. Assim, as questões do mundo do trabalho não se desligam de elementos culturais ou das migrações, bem como não deixam de gerar problemas ambientais. Pensar sobre globalização é, antes de tudo, pensar sobre uma realidade multifacetada e completamente interligada.



Falamos bastante a respeito de impactos da globalização sobre a economia como um todo e sobre as economias nacionais. Falamos, também, da ascensão das empresas multinacionais e de como, para elas, não existem fronteiras no globo. É possível retirar matéria-prima de um país, fazer uso da **mão de obra** de outro, pensar e administrar a empresa em outro e ainda vender os produtos por todo o mundo. Mas todas essas questões têm implicações de que ainda não tratamos. A partir de agora, falaremos de alguns impactos da globalização no mundo do trabalho, em outras palavras, vamos nos voltar para repercussões da grandiosa globalização diante dos pequenos trabalhadores.



O transporte rodoviário é o meio de logística de destituição de mercadorias mais usado no Brasil. Corresponde a 76% de toda a distribuição, sendo esse tipo de transporte de cargas recomendável para curtas distâncias. Na imagem, Rodovia Regis Bittencourt, São Paulo, Brasil.

O interesse agora são as condições de trabalho e produção envolvidas no mercado global, isto é, desejamos tratar do trabalho cotidiano e de como ele é influenciado pela globalização. De início, podemos adiantar que esta seção nos fará entrar em contato com faces opostas, mas interdependentes: de um lado, estão os faturamentos milionários; e, do outro, as péssimas condições de trabalho ou, ainda, os trabalhos análogos à escravidão.

Para começar a entender essa cadeia de relações, precisamos partir do conhecimento de que a produção global, essa das multinacionais que são comercializadas em diversos países, sustenta-se em um importante tripé: o rápido escoamento das mercadorias, os preços atrativos e o baixo custo de produção. Vamos pensar juntos: se as multinacionais não possuíssem uma forma rápida e barata de transportar matéria-prima, peças, manufaturados e mesmo os produtos prontos, não faria sentido produzir em espaços distantes de onde seriam comercializados. Na verdade, era assim que acontecia há algumas décadas, quando os centros industriais e os centros consumidores ocupavam os mesmos espaços ou localidades próximas.

Assim, para que a produção possa contar com matérias-primas de localidades diversas e para que a produção e o consumo também possam estar separados por longas distâncias, as multinacionais precisam contar com um **sistema de transporte eficiente**. Dessa forma, podemos afirmar que, sem o desenvolvimento de muitas tecnologias de transporte, a globalização e a sua produção descentralizada não seriam possíveis.



Phonlamai Photo/Shutterstock.com

A empresa JD.com, segunda maior no ramo de comércio eletrônico, na China, já faz suas entregas por meio de *drones* desde 2016.

A importância do transporte no comércio mundial/internacional

Se carregar um móvel pela sua casa ou levar muitos livros até a escola pode ser cansativo, imagine o trabalho necessário para transportar produtos e materiais pelo mundo. Levar minérios para serem transformados em placas metálicas, levar as placas metálicas para serem transformadas em pequenas peças, levar as peças para uma montadora e, por fim, levar o produto acabado da montadora para centros de distribuição, que coordenariam mais viagens, até que o produto chegasse a uma loja, onde pudesse ser comprado, ou diretamente para sua casa, depois de uma compra via Internet.



Ao se realizar uma compra pela Internet, há toda uma infraestrutura para que os produtos cheguem de forma rápida e barata ao consumidor.

Para se adequar às dinâmicas do comércio contemporâneo, o transporte internacional precisa ter uma **infraestrutura** capaz de distribuir produtos e materiais ao redor do mundo, assim como de auxiliar no deslocamento de pessoas, sustentando trocas e acordos de muitos parceiros comerciais. Além da capacidade de fazê-lo, ainda se exige que os deslocamentos sejam realizados com rapidez e com um baixo custo.

A evolução dos meios de transporte e dos sistemas de comunicação permitiu o encurtamento das distâncias, isto é, fez com que longos espaços pudessem ser percorridos em menos tempo, o que auxilia a globalização na sua empreitada de melhorar a conexão e o contato entre re-

giões distintas. Se antes um produto precisava de semanas e até meses para sair do local de origem e chegar ao seu destino, hoje é possível percorrer distâncias extremas em poucos dias.

Assim, graças à rápida evolução dos transportes, baseada em inovações tecnológicas e logísticas, foi possível uma descentralização das indústrias e das etapas de produção, em relação aos centros urbanos mais influentes, uma vez que as distâncias deixaram de ser um grande problema. A combinação das várias modalidades de transporte existentes — destacadamente o marinho, aéreo, ferroviário, rodoviário e fluvial — permite enfrentar não só distâncias, mas também uma grande variedade de ambientes.



toronton/Shutterstock.com

Uma das vantagens do transporte marítimo é deslocar cargas de maior tamanho e em maior quantidade em travessias intercontinentais.

Para completar todo o processo de produção e distribuição, em geral é utilizada mais de uma modalidade de transporte, o que recebe o nome de **transporte multimodal**. Para percorrer as maiores distâncias, costumam ser privilegiados os transportes marinhos e aéreos; já para redistribuir os produtos em diversos pontos de uma região, destacam-se as rodovias e ferrovias.



Alf Ribeiro/Shutterstock.com

Apesar de ter uma **infraestrutura** básica ferroviária, o meio de transporte de cargas mais utilizado no Brasil é o rodoviário.

Além do escoamento rápido das mercadorias e dos materiais pelo mundo, a produção global só é possível graças à oferta de produtos a preços atrativos, ao menos para a maior parte dos consumidores. Se os produtos fossem muito caros, como algumas peças de vestimenta de alta-costura (segmento em que uma peça simples pode ultrapassar, sem muita dificuldade, a quantia de 10 mil dólares), não haveria quem os comprasse, mesmo que houvesse como distribuí-los com facilidade. Já se os produtos custam em torno de 100 ou 150 reais, mesmo que ainda possam ser considerados caros, eles passam a ser mais facilmente adquiridos.

A produção globalizada, diferentemente da alta-costura, não pretende levar produtos exclusivos, feitos à mão e de altíssima qualidade, mas peças produzidas em série, com o auxílio de máquinas e que possam ser compradas e substituídas com rapidez. Para garantir o preço relativamente baixo e o consumo contínuo, a produção global precisa se apoiar na terceira parte do tripé, o baixo custo de produção.

É a partir desse baixo custo de produção, sem o qual a mercadoria não seria acessível e a produção não seria global, que os nossos questionamentos realmente começam. E a pergunta inicial é muito simples: como as multinacionais conseguem reduzir seus custos de produção?



Muitas multinacionais procuram reduzir o custo da produção instalando fábricas em países em desenvolvimento onde a **mão de obra** é mais barata e, principalmente, onde há incentivos fiscais por parte do governo local.

Diferentemente da pergunta, a resposta requer alguma elaboração, mas, em resumo, para gastar pouco e poder vender barato, as empresas precisam de um transporte que não seja muito caro, que a mão de obra e a matéria-prima não custem muito e que os impostos também não sejam altos. Sobre a questão do transporte, como já dissemos, as empresas são privilegiadas pelo desenvolvimento de tecnologias de transporte, que atingem com facilidade grande parte

do mundo; assim, são os demais itens que acabam fazendo a maior diferença.

Em busca de matéria-prima barata, baixos salários e redução ou até isenção de impostos, as empresas têm deixado os grandes centros, nos quais a urbanização impede a grande produção de materiais e onde a luta histórica por melhores condições de trabalho garante uma série de direitos trabalhistas. Por isso, há um processo de **descentralização da indústria** (com relação aos grandes centros), seguido de uma recentralização, isto é, a formação de novos centros em países sem tradição sindical, onde as leis trabalhistas são frágeis ou inexistentes.

Para continuarmos exemplificando com o setor de têxteis e vestuário, de acordo com o documentário *The True Cost* (O verdadeiro custo), no ano de 2014 as maiores nações exportadoras de vestuário estavam localizadas na Ásia, destacadamente China, Bangladesh, Vietnã e Camboja. Nesses países, as empresas conseguem contratar trabalhadores para receberem menos do que seria necessário pagar a um operário nos Estados Unidos, por exemplo. Enquanto neste último país, no ano de 2015, o salário mínimo estava fixado em U\$ 7,25 dólares por hora, nos países asiáticos citados é comum que trabalhadores sejam expostos a jornadas muito mais longas e que recebam por ela menos de U\$ 3 dólares — não por hora de trabalho, mas por dia.



No Vietnã, os trabalhadores ganham, no máximo, 10 dias de férias por ano e fazem 48 horas semanais de jornada de trabalho. Na imagem, fábrica de confecção em Hanói, Vietnã.

Não só para a indústria de vestuário, mas também para outras, a pobreza de muitas nações e a falta de oportunidades das suas populações faz com que sejam encontrados não só trabalhadores que se submetem a condições de trabalho desumanas, mas também governos que abrem mão da carga tributária, isto é, adotam a isenção de impostos a fim de atrair empregadores para o seu território.

Algumas vezes, a questão tributária ainda é ultrapassada por uma estratégia comum no mercado globalizado, a **terceirização**. Para agilizar a produção e reduzir custos com obrigações sociais, muitas multinacionais deixam de ter setores destinados à produção e passam a contratar empresas menores para executar a confecção dos produtos. Os centros criativos, onde são desenvolvidas as **ideias** dos produtos, continuam sendo localizados em nações de industrialização mais antiga, onde os profissionais são mais bem preparados e remunerados.

Nesse contexto, crianças, autônomos, empregados terceirizados e até “quarterizados” acabam sendo expostos não só a baixas remunerações, mas também a condições insalubres de trabalho, que incluem jornadas exaustivas, ambiente inseguro e situações que geram risco à saúde e à vida.



A Índia é um dos países com mais trabalhadores escravizados. Na imagem, trabalhadores braçais na cidade de Kolkata, Índia.

Também é comum que sejam encontradas pessoas em situação análoga à escravidão. De acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao redor do mundo cerca de 21 milhões de pessoas estão expostas a trabalhos forçados. Nessa cadeia de contratações e recontrações, as empresas se eximem da responsabilidade social diante do risco a que essas pessoas se submetem, mas se beneficiam com os baixos pagamentos, assim como adquirem vantagem da exploração ou produção de matéria-prima a baixo custo em outros países pobres e sem tradição industrial.

A verdade, porém, é que não são apenas os donos das empresas que se beneficiam com lucros muito altos, também os consumidores se favorecem da exploração desses trabalhadores. Ao comprar roupas, sapatos e celulares muito baratos e de cuja procedência não se tem informação, é possível que nós também estejamos financiando esse tipo de produção. Outro fator que merece destaque é o fato de essas compras serem feitas de forma impulsiva. Muitos produtos são comprados e descartados com a mesma facilidade, uma vez que há muito mais um desejo de produtos novos, do que uma real necessidade deles.



Relatório do governo dos Estados Unidos enviado à prefeitura de São Paulo em 2016 incluiu a região do comércio da Rua 25 de Março na lista dos principais centros de distribuição de produtos pirateados do mundo. Muitas pessoas não compreendem que, ao comprar produtos ilegais, estão contribuindo para a perpetuação de problemas graves, como o trabalho escravo.

Assim, por mais que o crescimento das indústrias gere empregos em regiões com pouca tradição industrial, esses trabalhos são marcados pela exploração do trabalhador, e não pela possibilidade de transformação social através do trabalho. A falta de fronteiras para as multinacionais, juntamente à contínua informatização e maquinação da produção, gera um ambiente de insegurança. O medo do desemprego e da pobreza auxilia na manutenção de grandes quantidades de trabalhadores dispostos a vender sua força de trabalho por muito pouco. A flexibilização da produção e a terceirização de trabalhadores ainda estimulam a informalidade e, com ela, a falta de proteção do Estado.

É importante retomar o sociólogo Zygmunt Bauman, conforme citado anteriormente, segundo o qual a proteção aos que são mais prejudicados pela ação do mercado e das empresas é uma das poucas funções econômicas que o Estado permanece tendo. Diante da informalidade, o desconhecimento dos trabalhadores e das suas realidades faz com que até essa ação seja prejudicada.



A utilização de máquinas na agricultura tem levado pessoas a migrarem para os centros urbanos onde, para sobreviver, se submetem à informalidade e a condições degradantes de moradia. Na imagem, comunidade do Vidigal, Rio de Janeiro.

Certamente a globalização também gera outros tipos de emprego, especializados e bem remunerados, entretanto é importante ter em mente que as produções em série e os baixos custos alcançados pelas multinacionais têm, na verdade, um alto preço social atrelado a eles: o de milhões de trabalhadores tratados de maneira desumana e com pouca atenção do Estado ou desprovidos de chance de mobilização e reivindicação.



Reflexão

1 (UEPB – Adaptada) Leia o texto.

Empresa Global e o fim do *made in*

“Apesar de ter sua sede empresarial em Portland, nos Estados Unidos, a Nike não produz tênis no país. [...] A Nike vende tênis no mundo todo, mas não tem uma só fábrica nem emprega um só operário. Ela compra os calçados de indústrias instaladas principalmente no Leste Asiático. Esta é uma característica essencial de uma empresa global: a facilidade de identificar locais onde existam as condições mais atraentes para suas operações. [...] a tendência atual das empresas transnacionais é produzir seguindo um padrão comum nos diversos países. Essa prática tende a colocar um fim à identidade nacional dos produtos, o chamado *made in*”.

Fonte: Folha de S.Paulo (2 fev. 1997) apud COELHO, Marcos Amorim e TERRA, Lígia. *Geografia o espaço natural e socioeconômico*. 5.ed. reform. e atual. São Paulo: Moderna, 2005.

Assinale com **(V)** ou com **(F)** as proposições conforme estejam, respectivamente, verdadeiras ou falsas em relação às **ideias** apresentadas pelo texto.

- I. () Uma das características da globalização é a universalização de técnicas e de produtos.
- II. () A tendência do capitalismo é a desconcentração espacial da produção e do consumo, mas a concentração do comando.
- III. () Com o advento do modelo flexível de produção, desaparece a Divisão Internacional do Trabalho.
- IV. () A terceirização na produção surge como uma alternativa de flexibilização das empresas que aumentam a extração da mais-valia, podendo pagar menos pela confecção dos produtos, além de desobrigar-se dos custos sociais com operários.

Assinale a **sequência correta** das assertivas:

a ☐ V – V – V – V.

b ☐ F – F – V – F.

c ☐ F – F – F – F.

d ☐ V – V – F – V.

e ☐ V – F – V – F.

Funcionários em fábrica de iPhone trabalham mais de 80 horas semanais na China

A China Labor Watch (CLW), organização sem fins lucrativos que fiscaliza as condições de trabalho na China, publicou nesta semana um relatório preocupante. Em uma das fábricas contratadas pela Apple para fabricar componentes do iPhone, funcionários estão passando (e muito) do seu horário determinado.

A Apple exige dessas fábricas terceirizadas que os funcionários trabalhem, no máximo, 60 horas por semana, e que tenham ao menos uma folga a cada semana. Segundo a CLW, porém, há diversos casos de colaboradores ultrapassando as 80 horas semanais.

Fonte: UOL. *Olhar digital*. <http://goo.gl/qZF2pP> Acesso em: 29/08/2016.

Sobre o texto acima e de acordo com a Divisão Internacional do Trabalho no espaço mundial contemporâneo, assinale a proposição **correta**.

- a ☐ Para que os celulares tenham rápida evolução tecnológica e valorização da marca, é necessário que os fabricantes encontrem **mão de obra** especializada e disposta a trabalhar 60 horas ou mais por semana.
- b ☐ O trabalhador, ao encontrar a satisfação em realizar sua atividade, neste caso com a produção do iPhone, deve obrigatoriamente trabalhar além do esperado.
- c ☐ As empresas transnacionais nem sempre consideram as variáveis sociais e ambientais dos lugares onde se instalam.
- d ☐ A carga horária de trabalho semanal próxima de 80 horas é recomendada a países emergentes que buscam atingir uma condição socioeconômica de países desenvolvidos.
- e ☐ A China é um país de industrialização tardia que cresceu baseado na oferta de isenções fiscais a empresas transnacionais, o que trouxe, ao longo do seu processo de industrialização, muita riqueza para a população.



Uma cultura global?

O mundo que conhecemos é habitado por pessoas de diversas culturas. Há povos e nações que não só vivem e ocupam espaços, mas que o fazem de maneiras diversas. Todos nós, seres humanos, precisamos nos alimentar, beber água, dormir, assim como precisamos de momentos de lazer, sendo essas necessidades naturais. Entretanto, a maneira como cada povo supre essas necessidades depende da cultura em que se está inserido.

Aqui no Brasil, por exemplo, para livrar-se da fome pela manhã, muitas pessoas achariam adequado comer um pão e tomar uma xícara de café, já em algumas regiões da Inglaterra outras pessoas achariam que alimentos mais apropriados para um café da manhã seriam **linguiças**, feijões, ovos e cogumelos. A fome e a vontade de se alimentar estão nos dois lugares, mas o que se faz para saciar essa necessidade é diferente, pois reflete traços culturais.

Pertencer a uma cultura significa ter uma identidade que, por um lado, iguala aqueles que são parte da mesma cultura e, por outro, diferencia os que pertencem a outra. À medida que os hábitos culturais dizem quem são os meus iguais e quem são os diferentes, forma-se não só a identidade do meu grupo, mas também a base da minha identidade individual. Grande par-

te de ser quem somos depende do lugar em que nascemos e da cultura em que fomos socializados.

Unindo esse tema com o nosso interesse de estudo nesta obra, isto é, a globalização e as suas **consequências**, algumas perguntas se tornam necessárias: o que acontece com as culturas nacionais e com as locais (sabemos que podem existir outras identidades dentro da identidade nacional) diante da globalização? Ou, ainda, como as identidades culturais são impactadas pela aproximação entre culturas distintas?

Um primeiro aspecto necessário para responder a essas questões é a percepção de que as culturas estão em constante processo de mudança e mesmo antes do contato com outras culturas, e as identidades não são fixas, mas estão em contínua transformação. Com a globalização e a intensificação da relação entre produtos, **ideias** e pessoas, a modificação das culturas passa a considerar e a ser influenciada não só pela ação do tempo e dos seus membros, mas também pela existência de outras culturas, que não estão tão distantes nem parecem tão inconciliáveis quanto estiveram e foram em outros períodos.

A expansão das fronteiras do que importa, para continuarmos com a expressão da seção anterior, permite que elementos de uma cultura estejam inseridos em outra, contribuindo para um processo de **hibridação cultural**. Em outras palavras, a globalização favorece a mistura entre identidades, de forma que costumes e hábitos antes limitados à forma de viver de um povo possam também ser conhecidos e experimentados por outros.



Percebemos a globalização do comércio atual com a difusão das redes de *fast-food* norte-americanas. Na imagem, vemos uma McDonald's na Índia, país que não consome carne bovina, e, portanto, o restaurante fornece um cardápio vegetariano, contando também com outros tipos de carne, como a branca.

Para pensarmos nessa hibridação, imagine um jovem chinês que estivesse perdido aqui no Brasil: a diferença do idioma e dos costumes e a distância entre os países faria com que a situação fosse muito complicada para ele. Entretanto, o problema seria consideravelmente mais grave se, em vez de ter-se perdido nos dias atuais, a situação tivesse ocorrido há cem anos. Mesmo que nesse período o processo de globalização já estivesse em curso, as diferenças entre os países em questão ainda estariam muito evidentes.

No passado, o jovem seria considerado estranho pela sua aparência e dificilmente encontraria alguém que soubesse de onde ele vinha ou, menos ainda, que o conseguisse compreender. Já na atualidade, mesmo não estando em uma situação ideal, o jovem não seria visto como algo diferente e teria mais facilidade para achar imigrantes ou um consulado, em que ele poderia ser compreendido e auxiliado.

Para além de uma situação como essa, de um jovem perdido nos dias de hoje, o processo de hibridação entre culturas pode ser visto em o quanto conhecemos e compartilhamos ideias e identidades com sociedades distintas e distantes das nossas.

Quando entramos em contato com a realidade de outro país através de um produto cultural, como um filme, por exemplo, podemos perceber uma série de semelhanças e compartilhamentos. Em um filme estadunidense, observamos pessoas que não possuem hábitos muito diferentes dos nossos, que comem alimentos também encontrados por aqui, que bebem os mesmos refrigerantes, utilizam roupas parecidas e apreciam cantores e outros artistas também famosos onde vivemos.



Ingus Krukalis/Shutterstock.com

Devido à sua economia forte e expansionista, os Estados Unidos desenvolveram e massificaram sua indústria cultural no mundo, propondo seu estilo de vida como o modelo a ser seguido. Na imagem, cidade de Los Angeles, Estados Unidos.

É possível que os hábitos dos avós daquelas pessoas fossem diferentes dos costumes dos nossos avós, mas na atualidade a forma de viver, principalmente em espaços urbanos, tem-se tornado cada vez mais parecida. Por esse motivo, alguns autores acreditam que a globalização estaria conduzindo o mundo para uma **redução das identidades** locais e para uma **uniformização de hábitos e costumes**.

Contudo, é importante destacar: nem todos os estudiosos da relação entre identidades e globalização consideram que esse processo ocorre sem resistência ou que se desenrola pelo simples contato entre culturas distintas. Tais autores também costumam desconfiar de que o futuro da globalização seja capaz de conduzir todo o mundo para uma cultura única e indiferenciada.

Sobre a resistência, é importante retomar a nossa afirmação anterior de que os costumes e hábitos da nossa cultura são importantes para constituir a identidade do nosso grupo, bem como a nossa. Assim, diferentemente da situação econômica em que a contínua expansão e a unificação de mercados parecem um movimento complementar, no campo cultural a expansão de uma cultura ou a unificação de um tipo de hábito, em detrimento de outros, significa, para o grupo não privilegiado, uma perda da sua identidade.

Se, de fato, o mundo fosse conduzido para uma cultura global e só houvesse uma forma de falar (um só idioma), uma mesma culinária, um jeito comum de se vestir e um tipo de música e dança, por exemplo, isso significaria que muitas outras expressões idiomáticas, alimentares e artísticas teriam deixado de existir. Por esse motivo, ou seja, para evitar que elementos da própria cultura e, com isso, da própria identidade sejam perdidos, muitas pes-

soas **resistem ao processo de uniformização** através da continuação de tradições e da perpetuação de hábitos.

Essa resistência a que nos referimos não quer dizer que essas pessoas se fecham totalmente para a globalização, mas, sim, que procuram manter costumes e hábitos que foram dos seus antepassados, ainda que modificados pelo tempo, pelos indivíduos e pelo contato com outras culturas. Dito de outra forma, a resistência não implica uma negação ao outro ou a intensificação da relação com o diferente, mas, sim, uma negação ao abandono do que é local.

Além do desejo de manter a própria cultura, a resistência também pode ocorrer pela percepção de que o processo de hibridação é, muitas vezes, conduzido por interesses econômicos. No lugar de uma relação de troca, que ocorre quando pessoas, produtos e **ideias** de origens distintas entram em contato, muitos percebem a globalização de elementos culturais como um fenômeno que é guiado pela economia e por um tipo específico de indústria, a indústria cultural.

O termo **indústria cultural** foi utilizado pela primeira vez pelos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, membros de um grupo de intelectuais denominado **Escola de Frankfurt**, que observava o mundo capitalista ocidental, seu padrão, no tempo vivido por eles, e suas tendências futuras. Já na expressão “indústria cultural”, os autores estabelecem uma conexão entre elementos econômicos (indústria) e elementos ideológicos (cultural), criticando outra expressão já muito utilizada quando eles produziram sua obra (ainda muito popular na atualidade), a ideia de **cultura de massa**.

Para os autores, o termo “cultura de massa” induz ao erro por dar a entender que esta era uma cultura produzida de maneira espontânea pelas massas para o seu consumo, quando, na verdade, os produtos eram resultantes de uma indústria que, no lugar de comercializar produtos como carros ou cadernos, comercializava principalmente elementos culturais, oferecidos de maneira indiferenciada para uma multidão de consumidores.

Adorno e Horkheimer percebem a indústria cultural como um fenômeno muito nocivo para as sociedades, pois, à medida que a reprodução da cultura passa a ser conduzida por interesses econômicos, destacando o interesse de lucrar, a dinâmica própria da cultura passa a ser comprometida. Os produtos da indústria cultural são, para eles, repetições de padrões que deram certo, comprometendo a criatividade da arte e a ruptura que costumava caracterizá-la, além de que os receptores são transformados em massas passivas.

Ainda segundo eles, a supremacia do interesse econômico de lucrar faz com que os produtos da indústria cultural se descomprometam com o conteúdo e sejam pobres em reflexões e em potencial analítico. Essa ausência de

substância, juntamente com a intenção de produzir um único produto consumível por todos, conduz o público para uma homogeneização e para um consumo e reprodução impensado e infantil.

Em uma de suas obras, Adorno constrói uma metáfora interessante para entendermos o que ele queria dizer: ele compara a produção da arte fora da indústria cultural a alimentos nutritivos (como legumes, verduras e cereais), e a produção da cultura de mercado a doces. Por mais que os doces possam ser atrativos, eles não têm o que é necessário para alimentar uma pessoa, ou seja, não é possível estar saudável e bem nutrido comendo apenas doces. Da mesma forma, não é possível alimentar o intelecto com produtos da indústria cultural, uma vez que eles não conduzem à crítica ou estimulam a reflexão, mas apenas apresentam produtos de fácil compreensão e repetição para consumidores que vão se acostumando a criticar cada vez menos.

Não é difícil concluir que, na perspectiva de Adorno e Horkheimer, a indústria cultural é uma séria ameaça às culturas populares e à arte erudita, uma vez que ela apresenta seus produtos como mais interessantes, divertidos e modernos, enquanto os outros são caracterizados como ultrapassados, chatos ou cansativos. Interpretando segundo esses autores, a globalização e a indústria cultural estariam, realmente, conduzindo o mundo para uma situação em que os bens culturais teriam se tornado produtos **padronizados e homogêneos**, que se destinariam muito mais a gerar lucro para os seus produtores do que consolidar identidades.

Assim, mesmo diante de uma grande oferta de produtos, eles seriam pouco diferenciados e pouco representativos de culturas distintas. Os produtos culturais trariam uma ilusão de escolha e uma ilusão de diversidade, mas seriam, na verdade, seleções empobrecidas dos elementos mais vendáveis de uma cultura, que tendem a privilegiar e a reforçar traços culturais do Ocidente e das nações economicamente mais potentes.

A difusão dos produtos dessa cultura de mercado é auxiliada pela existência de meios de comunicação de massa, isto é, **meios de comunicação** capazes de atingir uma quantidade massiva de receptores, a exemplo da televisão, dos jornais impressos, do rádio e do cinema. Uma característica fundamental desses meios de comunicação, segundo o sociólogo John B. Thompson, é o fato de produzirem uma comunicação unidirecional e aberta a uma diversidade de receptores.

Ao indicar que os meios de comunicação produzem conteúdos abertos a uma diversidade de receptores, Thompson afirma que seus produtos são de fácil assimilação, baseando-se em conhecimentos compartilhados e acessíveis à maioria dos receptores. Esses meios de comunicação de massa não

costumam se dedicar a temáticas ou áreas muito específicas, pois elas não interessam a todos. Entretanto, se for necessário tratar de algo de difícil compreensão para a maioria, a estratégia utilizada é a de simplificar, isto é, reduzir a complexidade do assunto ou expressão cultural, retirando alguns elementos ou focalizando apenas parte do tema abordado.

Com relação ao aspecto unidirecional, ele entendia que essa comunicação é feita em um único sentido, com poucas possibilidades de resposta. Isto é, há produtores que emitem as mensagens facilmente compreensíveis e receptores que decodificam o que foi exposto com poucas oportunidades de responder ao emissor, seja para acrescentar uma informação, seja para concordar com o que foi dito, seja para discordar. Nessa comunicação, os receptores são tratados como seres passivos, que devem ouvir, e não ser ouvidos.

É nessa perspectiva que se sustenta a compreensão dos meios de comunicação como manipuladores e capazes de impor pensamentos e opiniões. Se você já ouviu alguém falar que os meios de comunicação, como a televisão, impedem as pessoas de pensar ou manipulam o que elas pensam, essa **ideia** se conecta com os saberes desenvolvidos pela Escola de Frankfurt. A partir dessa visão, também continua sólida a crença de uma globalização que, auxiliada por esses meios de comunicação de massa, seria capaz de conduzir o mundo para uma cultura única.



A Escola de Frankfurt foi uma corrente filosófica que tinha como base filosofias e ciências sociais fundadas nas ideias marxistas. Na imagem, cidade de Frankfurt, Alemanha.

Contudo, como dissemos, nem todos os estudiosos compreendem a situação da mesma forma: há, por exemplo, autores enquadrados em um campo de estudo que une diversas disciplinas, denominado de **Estudos Culturais**, cujas perspectivas se diferenciam de algumas ideias vindas da Escola de Frankfurt e de pensadores como Adorno e Horkheimer.

Para os pensadores dos Estudos Culturais, a cultura e os elementos identitários estão sempre relacionados ao cotidiano, sendo uma resposta à vida comum e aos seus desafios. Assim, como o cotidiano não é igual ao redor do mundo (vimos que a globalização pode reforçar desigualdades), a cultura não teria como simplesmente se homogeneizar, uma vez que uma cultura homogênea não conseguiria se relacionar com cotidianos diferenciados.

É importante ter em mente que esses estudos e os seus autores, mesmo não concordando totalmente com os da Escola de Frankfurt, não desconsideram as suas contribuições. O conceito de indústria cultural, por exemplo, é muito importante para esses estudiosos, uma vez que eles estão interessados em pensar a presença, cada vez maior, dessa indústria na vida cotidiana e na sua relação com a cultura popular.

A grande diferença está na capacidade e no poder que atribuem a essa indústria e à resistência dos receptores. Para eles, **os meios de comunicação de massa não são tão poderosos ou capazes de dizer a qualquer pessoa como pensar**; ainda que eles sejam bastante influentes, as pessoas, guiadas pela sua experiência de vida, podem simplesmente não aceitar o produto cultural que recebem ou podem aceitá-lo parcialmente.



O serviço de *streaming* Netflix não pode ser disponibilizado na China, **Crimeia**, **Coreia** do Norte e Síria devido a questões políticas e ideológicas. Na fotografia, cidade de Pequim, China.

O filósofo italiano Antonio Gramsci inspirou esses estudos ao acrescentar à visão marxista clássica a percepção de que, além das questões econômicas, as dinâmicas culturais também são questões-chave para a compreensão do mundo. Mais uma vez, é importante destacar que essa visão não deixa de considerar a influência da economia na cultura, mas passa a consi-

derar que as relações não envolvem apenas exploradores e explorados, ricos e pobres, patrões e empregados. Além de tudo isso, ainda há dinâmicas negociais em que outras lógicas entram em questão.

A percepção das relações negociadas é muito importante para a forma como os Estudos Culturais compreendem a relação entre globalização e cultura. Para o Filósofo espanhol Martín-Barbero, essa cadeia de negociações faz com que **não haja uma separação permanente entre o que é cultura mercadológica, o que é cultura erudita e o que é cultura popular**. Para ele, essas expressões estão envolvidas em uma cadeia de interferências, contaminações e misturas.

Nessa visão, **o público não é mero receptor influenciável**, mas a sua recepção é um processo ativo em que ele negocia e se apropria de alguns elementos, e não de outros. Assim, os Estudos Culturais sugerem muito mais a **ideia** de mestiçagem e de globalização conduzindo a uma complexidade que aproxima o novo, o tradicional, o mercadológico e o popular em uma mesma cultura do que a aceitação de uma globalização que conduz a uma cultura única e homogênea.

Dessa forma, para os Estudos Culturais, por mais que os conteúdos da cultura mercadológica, propagados pela indústria cultural, sejam modificações e simplificações de suas formações originais que buscam uniformizar diferenças, estilos e linguagens, ainda assim eles revelam elementos populares e até eruditos. A cultura vivenciada pelas pessoas, mesmo a de influência mercadológica, é vista como um resultado de embates, em que há movimentos de dominação e de subordinação e em que nada pode ser apontado como autêntico, autônomo ou independente, mas como resultado de uma luta cultural em que há resistência, apropriação e expropriação de bens culturais.



Na Nigéria, África, existe a terceira maior indústria cinematográfica do mundo, chamada de *Nollywood*. No ano de 2006, segundo informações da Unesco, foram produzidos 872 filmes. Ela só fica atrás da produção cinematográfica de *Bollywood*, na Índia, a segunda maior produtora de filmes do mundo, e de Hollywood, nos Estados Unidos, que é a primeira. Na fotografia, Abuja, capital da Nigéria, em maio de 2018.

Identidade e apropriação cultural

“Dizer que apropriação cultural se resume a usar ou não turbante, comer ou não *sushi*” é, na melhor das hipóteses, uma grande desonestidade intelectual, além de escancarar a face racista “ainda tão presente na sociedade brasileira”, afirma a pesquisadora e ex-secretária Adjunta da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres de São Paulo, Juliana Borges.

A discussão, primordialmente, tem a ver com questões estruturais e estruturantes da sociedade brasileira, segundo Borges, e passa pelo esvaziamento histórico e cultural de etnias **sequestradas** do continente africano para serem escravizadas por aqui.

Nesse contexto, símbolos como o turbante podem ser encarados como elos entre um povo e sua ancestralidade, suas origens perdidas. A crítica seria menos ao uso individual em si e mais a uma estrutura social que rejeita as tradições de um povo enquanto aplaude as mesmas quando praticadas por outros.

A educadora e pesquisadora de dinâmicas raciais Suzane Jardim afirma que, toda vez que emerge, essa discussão é erroneamente deslocada para o âmbito do “purismo cultural”, na qual apenas os responsáveis pela criação de um determinado elemento teriam autorização de utilizá-lo.

Para ela, a verdadeira questão diz respeito ao esvaziamento dos movimentos sociais e à aceitação simulada de uma expressão cultural: “Os símbolos estão lá. Podem até passar uma falsa mensagem de aceitação e de paz entre os povos, mas a exclusão do negro na hora do registro de sua própria história reforça uma ideologia já velha, na qual o Brasil é o país da miscigenação e do bom convívio entre as raças, desde que o negro permaneça escondido e sem oportunidades reais dentro do sistema.”

Fonte: Revista Cult. Por Nathalia Parra e Paulo Henrique Pompermaier. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/identidade-e-apropriacao-cultural/>. Acessado em: 17/04/2018.

Há, portanto, discordâncias a respeito da relação entre globalização e cultura e sobre como essa relação influenciará as identidades culturais no futuro. Há, ainda, discordâncias sobre o potencial dos meios de comunicação de massa e sobre a capacidade do público de resistir a ele, como também há opiniões diversas sobre a qualidade e a validade dos produtos resultantes da indústria cultural.

Mesmo diante de tantos desacordos, existem concordâncias que devem ser destacadas. Nenhuma das perspectivas retratadas, seja a da Escola de Frankfurt, seja a dos Estudos Culturais, discordaria da influência econômica ou da globalização nas dinâmicas culturais; também não discordariam da necessidade de observar a globalização não como um fenômeno exclusivamente econômico, mas como um fenômeno social e cultural; e, certamente, não discordariam da centralidade dos meios de comunicação de massa, diante do desafio de compreender as culturas contemporâneas.

Através dos meios de comunicação de massa, o público tem acesso a uma nova forma de experimentar a realidade, uma experiência que pode estar desvinculada da apreciação concreta. Se alguém pedir para que você imagine a Mona Lisa, pintura de Leonardo da Vinci, ou que identifique uma imagem da Torre Eiffel, certamente você o fará sem muita dificuldade. O conhecimento simples que lhe permite realizar essas tarefas não foi obtido através da experimentação direta — você não precisou ir a Paris, na França, para conhecer essas obras; na verdade, a sua experiência foi obtida por intermédio dos meios de comunicação de massa, que lhe permitiram expandir o seu conhecimento para além da experiência direta.



Netfalis Remy Musser/Shutterstock.com

O Museu do Louvre disponibiliza, por plataformas digitais móveis, aplicativo para o público conhecê-lo sem precisar ir a Paris. O aplicativo se chama Louvre.

Essa capacidade de disseminar informações e de tornar o acesso ao conhecimento mais rápido é uma vantagem que não pode ser esquecida, mesmo quando reconhecemos problemas na ação desses meios. Em outras palavras, as desvantagens de simplificar e reduzir a amplitude de uma expressão cultural e de disseminar apenas alguns elementos culturais convive com a vantagem de ampliar a informação disponível e a possibilidade de conhecer o diferente.



A indústria cultural e a facilidade com que ela dissemina suas **ideias** faz que pessoas sonhem em viajar para a Europa, ou a Disneylândia, em vez de tentarem conhecer primeiramente o seu próprio país.

Tais questões tornam a reflexão sobre globalização e cultura mais complexa e mais rica. Por um lado, não se deseja que variadas culturas sejam substituídas por uma única, ainda mais se esta for resultado de um interesse comercial de alcançar a lucratividade. Por outro, entretanto, ninguém quer ser impedido de conhecer o diferente ou aprender com ele, se esse for o objetivo.

A rede global de comunicação, segundo Bauman, funciona como uma fenda na parede que separa realidades diferentes. De nossa parte, podemos interpretar que, por ser fenda, ela permite observar o que se passa em outros lugares, possibilitando a ampliação do conhecimento e a redução das barreiras para as **ideias**. Por outro lado, também por ser uma fenda, e não um portal, os meios de comunicação de massa são grandes vitrines da desigualdade, eles expõem para todos um mundo de riquezas que só alguns poderão desfrutar.

De acordo com o jornalista britânico Victor Keegan, os meios de comunicação de massa expõem para as partes mais pobres do mundo a crônica da sua decadência. Isto é, através dos meios de comunicação, é possível co-

nhecer, mesmo a distância, como a vida se desenrola em outros espaços e como ela pode ser melhor do que a que é vivida nas regiões mais pobres. Essa janela ou fenda apontando para os lugares mais ricos e estáveis do planeta são especialmente importantes para pensarmos na intensificação da relação entre ideias, mas também não podem deixar de ser consideradas quanto ao seu potencial de estimular o movimento das pessoas, em busca dos paraísos conhecidos a distância.



A vida das pessoas nos países desenvolvidos, exposta pelos meios de comunicação em massa, leva, muitas vezes, a população dos países em desenvolvimento a fazer um comparativo com suas próprias vidas e constatar o quanto são pobres. Na imagem, crianças tailandesas assistem à televisão em escola rural na província de Tak.

Reflexão

1 “O aporte gramsciano contribui basicamente para entender a cultura, por um lado como um campo de disputas, de conflitos e resistência, e, por outro, de complexas interações e empréstimos entre a cultura popular e a hegemônica. Com isso, o que se quer dizer é que não existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática, o que acontece é um sutil jogo de intercâmbio entre elas.”

ESCONTEGUY, Ana Carolina. In: Citelli, A. et al. *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014.

Esse trecho diz respeito à influência da obra de Antonio Gramsci para os Estudos Culturais. Utilizando as informações nele dispostas e o seu co-

nhecimento sobre essa perspectiva de observação da cultura, marque a alternativa **correta**:

- a** ☐ Os Estudos Culturais consideram que há um equilíbrio harmonioso entre expressões originadas da cultura de massa, da cultura erudita e da cultura popular.
- b** ☐ Os autores vinculados aos estudos culturais desconsideram a influência da indústria cultural, indicando que os membros do público não são influenciados pelos produtos dessa indústria.
- c** ☐ Para os Estudos Culturais, o termo mais adequado é *cultura de massa*, e não *indústria cultural*, uma vez que a cultura que é massificada é resultado da aceitação do público, e não de uma produção aos moldes industriais.
- d** ☐ Uma diferença entre a perspectiva dos Estudos Culturais e da Escola de Frankfurt está localizada compreensão dos receptores: para os últimos eles são passivos e acríticos, para os primeiros são ativos e capazes de negociar aceitações e influências.
- e** ☐ Nos Estudos Culturais, a cultura massificada é classificada como plenamente adequada para a população.

2 (Enem) “Hoje, a indústria cultural assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários, que tampouco desenvolvera uma fineza de sentido para os desvios espirituais. Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.”

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

A liberdade de escolha na civilização ocidental, de acordo com a análise do texto, é um(a):

- a** ☐ legado social.
- b** ☐ patrimônio político.
- c** ☐ produto da moralidade.
- d** ☐ conquista da humanidade.
- e** ☐ ilusão da contemporaneidade.



Cidadãos do mundo

Estamos, desde o início dessa jornada, pensando na globalização como uma intensificação das relações entre produtos, **ideias** e pessoas. E, para pensar nessas relações, falamos do mercado internacional, de multinacionais, de indústria cultural e de meios de comunicação de massa. Vimos que, para os produtos comercializados no mercado internacional e feitos por empresas multinacionais, as fronteiras não existem, assim como vimos que o fluxo de ideias não é tão generalizado. Por mais que as ideias possam se disseminar com facilidade pelos meios de comunicação de massa, a produção unidirecional e os interesses econômicos que se fazem presentes na indústria cultural não permitem que todas as ideias se espalhem com a mesma facilidade, ao passo que também existe resistência à aceitação de algumas expressões culturais.

Assim, sobre a intensificação das relações entre produtos e ideias, sabemos que no atual estado de globalização há um livre fluxo dos primeiros e um parcial para os segundos. Resta que examinemos mais uma intensificação de relações, a que se dá entre pessoas. Nossas perguntas para esse terceiro aspecto são: as pessoas são livres, como os produtos, para atravessar as fron-



teiras ou são seleccionadas, como ocorre com as ideias? E, ainda, quem são os cidadãos no mundo global?

A resposta para a primeira questão pode ser obtida observando os fluxos migratórios contemporâneos e, principalmente, a crise de refugiados em que o mundo se encontra. Em retorno à necessidade ou ao desejo de deixar sua nação de origem em busca de uma vida diferente, países que na atualidade são os mais procurados têm negado vistos de entrada ou erguido muros e cercas, nos quais há uma mensagem muito clara: nem todos são bem-vindos.

Assim, mesmo antes de entendermos os motivos, já podemos partir com a certeza de que as pessoas não são tão livres para se locomover pelo globo quanto os produtos. Algumas não podem migrar devido ao custo da viagem; outras, mesmo sem os recursos necessários, subordinam-se a condições desumanas de travessia e arriscam-se a morrer na viagem, tudo isso pela impossibilidade de viver no lugar onde nasceram.

Tanto na situação dos migrantes econômicos, que decidem se deslocar a fim de buscar melhores condições de vida e melhores oportunidades para si e para a sua família, quanto no dos refugiados, que não migram por simples desejo, mas por necessidade, a fim de garantir a sobrevivência e preservar a liberdade, é preciso ressaltar que o ato de migrar é sempre um processo total. Essa ideia foi desenvolvida pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, a fim de esclarecer que, em todos os ciclos migratórios, existem razões para deixar a terra em que se nasceu ao mesmo tempo que há motivos que estimulam o deslocamento.

Em outras palavras, o sociólogo estabelece que não basta a existência de uma realidade precária para estimular as migrações, assim como não basta a existência de uma terra de oportunidades — é necessário que os dois fatores se combinem para que o processo migratório se complete. Logo, as migrações só podem ser perfeitamente compreendidas se forem observadas como um processo total, que inclui os motivos que expulsam e os que atraem.

A partir dessa ideia e do nosso conhecimento de que as migrações continuam acontecendo no mundo globalizado, podemos retomar a percepção de que a globalização não reduz, mas potencializa as desigualdades sociais. As localidades que participam da nova realidade global como espaços de exploração de uma **mão de obra** barata e com poucos direitos, assim como as que participam como espaços de exploração de matéria-prima, **relacionam-se** como nunca, através do desenvolvimento das tecnologias de transporte e de comunicação, com espaços em que trabalhadores recebem remunerações maiores e em que os direitos são mais fartos e bem garantidos.

Não é de espantar que, diante de uma situação de extrema pobreza e de poucas oportunidades de melhora, muitos cidadãos de nações pobres sonhem viver em países europeus, nos Estados Unidos ou em outras localidades descritas como terras de oportunidades e de **tranquilidade**. Mas, como já adiantamos, o desejo ou necessidade não é garantia de que todos os migrantes sejam aceitos.

Diferentemente da situação a que têm acesso, podem ser executivos, investidores, pesquisadores e especialistas em diversas áreas, que através da migração buscam uma maior valorização pelo alto nível de trabalho que realizam. A maior parte dos migrantes, porém, que não possui formações especializadas, recebe um tratamento bem menos amigável do que o oferecido aos primeiros. Grande parte, inclusive, não chega a receber autorização para viver e trabalhar.

O fechamento de fronteiras de diversos países para alguns imigrantes tem se mostrado pouco efetivo no sentido de coibir a entrada, mas tem sujeito pessoas a situações de grande vulnerabilidade, ao viverem ilegalmente e sem qualquer assistência estatal. A clandestinidade, em muitos casos, pode ser associada a precárias condições de trabalho, mesmo em países com tradição trabalhista. O medo do imigrante ilegal de ser descoberto faz não só com que ele se sujeite a baixas remunerações e a ambientes insalubres, mas também com que alguns empregadores se aproveitem da falta de fiscalização do Estado para explorá-los em situações análogas à escravidão. Para os imigrantes ilegais, além da falta de direitos trabalhistas, ainda há um reduzido acesso à educação, saúde e moradia, entre outros.



Bill Lawson/Shutterstock.com

O muro que separa os EUA e o México foi construído para dificultar a entrada de imigrantes ilegais e drogas em território norte-americano. Na fotografia, deserto do Arizona, Estados Unidos da América.

A tentativa de impedir a entrada de imigrantes, em muitos casos, é justificada pelo temor dos países mais desenvolvidos de que a chegada de grande quantidade de pessoas possa desestabilizar o seu equilíbrio político e econômico. Essa visão, que atribui ao imigrante a culpa pelos problemas sociais, contribui para a perpetuação da **xenofobia**, que segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), pode ser definida como um conjunto de “atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e **frequentemente** difamam pessoas, com base na percepção de que elas são estranhas ou estrangeiras à comunidade, sociedade ou identidade nacional”. É importante destacar que a atribuição de culpa aos imigrantes pelos problemas sociais costuma ignorar os motivos internos de desestabilização dessas sociedades, bem como, na maioria das vezes, exceder o real impacto e exagerar a quantidade de imigrantes.

Nas situações de ilegalidade ou diante do sentimento de xenofobia, os imigrantes são tratados como se não fossem cidadãos nos países em que vivem ou como se fossem cidadãos de segunda classe. Nessa conjuntura, não se costuma lembrar que as desestabilizações dos países de origem, que são parte da causa da imigração, estão relacionadas com a estabilidade política dos países almejados. Em outras palavras, a pobreza e a riqueza, que diferenciam os países de origem e de destino dos fluxos migratórios, parecem ser realidades opostas do mundo, mas na verdade são faces complementares de uma mesma realidade.

Os atuais migrantes e refugiados para os quais é destinada a culpa dos problemas sociais são, muito antes disso, vítimas de um processo de globalização comandado por interesses mercadológicos, que enriqueceram e desenvolveram as nações mais poderosas e que diminuíram a chance de outras alcançarem o mesmo crescimento. Basta lembrar que os principais **polos** de

busca de refúgio e de destino dos fluxos migratórios da atualidade foram, no passado, os locais de onde partiram os migrantes, em busca de enriquecer explorando as riquezas de outras terras.

Assim, antes de responsabilizar os migrantes pelos problemas das nações mais ricas, é possível responsabilizar o tipo de desenvolvimento das nações mais ricas pela existência de migrantes. É possível mencionar, portanto, certa dívida moral e social, que exige repensar a cidadania e os direitos dos cidadãos diante de um mundo globalizado.

O conceito de **cidadão**, ao longo da história, passou por diversos ciclos de expansão. Ele já esteve, por exemplo, restrito aos que possuíam privilégios sociais; também já foi exclusivo dos que detinham bens. Em mais um ciclo de expansão, ele atingiu a todos os homens livres, deixando de lado mulheres e escravizados; até que, após as transformações ideológicas resultantes da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, finalmente foi universalizado, atingindo a todos, independentemente de sexo, etnia e classe social.

Essa universalização, entretanto, ainda estava assentada em limites, as fronteiras do Estado-nação. Para essa perspectiva, que vigora ainda hoje em muitas situações, o território nacional é base para a cidadania. Tanto é assim que dificilmente uma pessoa é simplesmente definida como cidadã, mas, antes disso, como cidadã brasileira, cidadã italiana ou argentina. O território nacional é, nesses casos, o cenário para a realização da cidadania, e são cidadãos os que nasceram no território ou obtiveram a nacionalidade por outros meios, situação que exclui os estrangeiros e imigrantes de uma plena noção de cidadania.

Essa limitação do *status* de cidadão ao território nacional passa a ser desafiada pela realidade global. Os desafios impostos pela globalização incluem não só as correntes migratórias e a crise de refugiados, como já mencionamos, mas também o esvaziamento da autoridade do Estado Nacional, que, como também já indicamos, deixa de ser a máxima autoridade possível.

Dois marcos importantes para pensar a existência de instituições que vão além do Estado é a criação da ONU e a fundação, em 1993, da União **Euro-peia** (UE). Nesse último caso, há uma direta relação com a necessidade de expandir a compreensão da cidadania, uma vez que os acordos políticos e econômicos entre países europeus traziam a necessidade de pensar em cidadãos que não estivessem restritos aos seus países de nascimento, mas que fossem aceitos e protegidos em todo o continente. Em outras palavras, a UE exigia que se pensasse em um cidadão europeu.

As correntes migratórias, além de desafiar o conceito territorial de cidadania por não serem contidas por simples proibições, também são um desafio por terem disseminado comunidades que mantêm a identidade cultural mes-

mo fora do território. As nações passam a ter de se preocupar não só com os cidadãos que ocupam o país, mas também com a comunidade que, mesmo tendo imigrado, continua mantendo as tradições e sentindo-se parte do país de origem. O cuidado, inclusive, deve se estender aos que mantêm os laços, mesmo sendo apenas descendentes dos que migraram. Por esse motivo, questões nacionais que envolvem estrangeiros, mesmo aqueles que vivem no Brasil, são delicadas, pois o estrangeiro imigrado e seus filhos não deixam de ser considerados cidadãos pela sua distância do território nacional.

Esse desafio imposto pela migração e pelas instituições supranacionais é uma prova de que a relação entre território e cidadania não é mais suficiente para resolver os conflitos do mundo globalizado. Para pensar os direitos e as proteções necessárias aos imigrantes e emigrantes, bem como para pensar nos cidadãos globais, torna-se necessário expandir, mais uma vez, o conceito de cidadania.

De acordo com estudiosos, entre os quais está o filósofo alemão Jürgen Habermas, uma vez que todas as sociedades são parte e parcela de uma comunidade de riscos compartilhados, o desafio de repensar a cidadania cabe a todos. Essas reflexões costumam operar em dois níveis ou lidar com dois desafios: um abstrato e normativo, outro mais prático e concreto.

Do ponto de vista normativo, compreende-se que a cidadania deveria ser transformada em um *status* legal e transnacional capaz de dar direitos civis, sociais e humanos a todos os sujeitos, independentemente do seu território de nascimento e do seu local de estadia. Já do ponto de vista concreto, a ampliação do conceito de cidadania carrega o desafio de dissolver, ainda que parcialmente, a capacidade decisória e a força do Estado.

No lugar de Estados habilitados para decidir sobre os seus cidadãos, seria criada uma **esfera pública mundial**, conceito de Habermas que faz referência a uma instância de deliberação em que a principal autoridade não seria a força, mas, sim, o diálogo e o consentimento. Participariam dessa esfera pública, organizações da sociedade civil, sem vinculação direta com uma nação, dedicadas a defender os interesses democráticos, a diversidade cultural e a proteção de um meio ambiente equilibrado.

Esses desafios são propostas de construção de uma cidadania global que recebem não só elogios, mas também críticas e questionamentos. O mais importante diante deles não é aceitar a sua validade ou invalidade, mas ser levado a refletir sobre a necessidade trazida pela globalização de, mais uma vez, expandir o conceito de cidadania, para que os direitos das pessoas e a dignidade dos humanos não sejam relativos a alguns, e não a outros, e para que a própria humanidade não se transforme em um conceito relativo.

Reflexão

1 (UPE-SSA 3 – Adaptada) Leia atentamente o texto a seguir.

Os desafios da imigração na Europa

O aumento da pressão migratória sobre a Europa, ano após ano, teve um pico no primeiro semestre de 2015. Isso, associado ao expressivo aumento de mortos nas rotas do Mediterrâneo, colocou em evidência o problema das migrações.

Fonte: Revista *Carta Capital*, junho de 2015.



Sobre a conjuntura geopolítica das condições imigratórias no mundo, é **correto** afirmar que:

- a** ☐ A Organização Internacional para as Migrações (OIM), órgão intergovernamental, define a imigração como uma questão de caráter global, isto é, como uma problemática que, para ser solucionada, deve envolver todas as nações, mesmo aquelas que não são foco de saída ou chegada dos migrantes.
- b** ☐ Os fluxos migratórios resultam principalmente da proximidade entre a riqueza dos países desenvolvidos e as condições de pobreza das populações indo-asiáticas; guerras civis e desestabilizações políticas deixaram de ser motivos **frequentes** de estímulo à migração.
- c** ☐ A ausência da incorporação de políticas neoliberais fragilizou a economia de países subdesenvolvidos, enfraquecendo as relações trabalhistas e expulsando grandes contingentes populacionais de seus países de origem.

- d** ☐ A evolução tecnológica globalizada diminuiu a informatização do sistema financeiro, absorvendo, cada vez menos, trabalhadores de alta qualificação e desalojando territorialmente uma grande parcela populacional do norte da África.
- e** ☐ Os fluxos imigratórios dos países que fazem fronteira com o Mediterrâneo se dirigem numerosamente aos países europeus e são atraídos pelas políticas de acolhimento internacional aos migrantes irregulares.

2 Leia o texto abaixo.

“Vejam a França. É o caso típico de um país que acreditou poder absorver a migração. Porém, por um lado, impôs logo aos migrantes a ética da República; e, por outro, arrumou-os nos bairros remotos. É muito raro encontrar um migrante a viver ao lado de Notre-Dame. Por que é que um muçulmano em França se torna fundamentalista? Acha que isso aconteceria se vivesse num apartamento perto de Notre-Dame? A sua integração não foi completa [...]. A migração em longo prazo pode produzir integração, mas em curto prazo não [...]”

Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/problema-daeuropa-e-ser-governada-por-burocratas-diz-Umberto-eco>. Acesso em: 17/09/2015.

Este é um trecho de uma resposta do escritor Umberto Eco sobre a difícil questão dos imigrantes e refugiados estrangeiros na Europa. No caso de seu comentário, ele se refere ao:

- a** ☐ Fenômeno do impossível convívio social entre identidades culturais tão distintas como a dos franceses e a dos muçulmanos imigrantes, pois estes, em ambiente estranho, tendem ao fundamentalismo.
- b** ☐ Problema insolúvel da imigração atual para a Europa, dada a desqualificação profissional dos imigrantes para se integrarem no processo econômico e também a incompatibilidade cultural destes com as regras do mundo do trabalho ocidental.
- c** ☐ Problema da segregação urbana nas cidades francesas, que dificulta a integração dos novos imigrantes no quadro social nacional e os mantém isolados, vinculados apenas às suas identidades culturais de origem.
- d** ☐ Fenômeno da inadaptação cultural dos imigrantes de origem oriental à cultura ocidental, pois eles fogem para a França, mas se mostram intolerantes com a vida urbana, por isso se isolam.
- e** ☐ Um argumento importante para desencorajar a aceitação de imigrantes, uma vez que sua adaptação é muito problemática.

Globalização e meio ambiente

Poucos elementos tornam a nova ordem global mais evidente do que os problemas ambientais, pois neles fica manifesto o quanto as **consequências** das ações contemporâneas ultrapassam os limites da localidade em que foram realizadas. Se os automóveis dirigidos nos Estados Unidos e o carvão queimado na China, por exemplo, poluem a atmosfera, essa poluição não fica restrita a esses dois países. Da mesma forma, se a Floresta Amazônica e a do Congo são devastadas, as consequências não são sentidas apenas nas regiões do entorno.

A concepção do Planeta como um todo inter-relacionado, levada a cabo pela globalização e pela sua intensificação de relações entre pessoas, produtos e **ideias**, não é novidade para a ciência. A Ecologia, por exemplo, é uma ciência dedicada ao estudo das relações entre os seres vivos e o meio, seja ele orgânico, seja inorgânico. Nessa ciência, são comuns expressões como *ciclo*, *cadeia*, *teia* e *nicho*, todas elas indicando que a vida no Planeta depende de um conjunto de fatores que se inter-relacionam. Por esse motivo, um animal, um vegetal ou um ambiente que se alteram não implicam apenas a própria alteração, mas um desequilíbrio capaz de atingir outros espaços e formas de vida.

Quando, por exemplo, objetos plásticos, produzidos para ser descartados após um breve uso (como sacos, garrafas, canudos e embalagens), são



jogados em esgotos que não recebem tratamento e acabam lançados nos oceanos, não há como estabelecer um limite espacial para o problema. Assim como a grande quantidade de plástico encontrada por ambientalistas não só no ambiente marinho, mas também causando a morte de animais, não pode ter sua responsabilidade atribuída a um país.

O potencial de danos da ação humana sobre a natureza se amplia junto com o avanço da sociedade global. Somado a isso, essa dinâmica cíclica do Planeta, conforme ensina a Ecologia, ainda garante que a destruição gerada não se restrinja aos criadores, mas seja efetivamente uma questão global e humana.



O lixo descartado nas cidades grandes de qualquer forma e sem tratamento não é exclusividade de países pobres ou em desenvolvimento, como podemos ver na imagem um canal poluído na cidade de Amsterdã, Holanda.

Junto com a expansão da globalização e do capitalismo, expande-se uma forma de viver própria desse modelo econômico. A lógica de desenvolvimento capitalista se baseia na acumulação ilimitada, no consumo ostensivo e na exploração de recursos como se eles fossem infinitos e inesgotáveis.

Sabemos que essa forma de produção e consumo se sustenta em relações desiguais. Conseguimos supor, por exemplo, que não são os trabalhadores asiáticos (aqueles que recebem centavos pela produção de roupas que serão vendidas por dezenas de dólares) as mesmas pessoas que consomem e descartam com rapidez as peças de vestuário. O consumismo não atinge da mesma forma todas as pessoas do Planeta, na verdade sua existência depende de trabalhadores que sejam tão mal remunerados a ponto de não poderem arcar com um consumo sem critério.

O que ainda precisamos saber diante de tudo isso é que, mesmo ocorrendo o enriquecimento de nações pobres e o aumento do poder de consumo dos seus cidadãos, ainda assim o atual modelo não poderia atender a todos. De acordo com Michael Löwy, estudioso brasileiro radicado na França e diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica francês, cálculos realizados no início do século XXI indicaram que, se o consumo médio de energia dos Estados Unidos da América fosse generalizado a toda a população mundial, as reservas conhecidas de petróleo ficariam esgotadas em 19 dias.

Por esse motivo, Löwy afirma que esse sistema é necessariamente fundado na manutenção e no agravamento da desigualdade. O atual modelo de desenvolvimento, segundo o autor, está assentado na necessidade de que alguns tenham acesso a muito pouco para que outros possam ter mais do que o necessário.

Por motivos como esse, o teólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff vê o capitalismo e a Ecologia como realidades que se negam frontalmente. Para ele, a alteração da ideia de progresso e das formas de viver e consumir, bem como a eliminação das injustiças sociais são requisitos para que a humanidade não se autoconduza para a impossibilidade da vida no Planeta.

O foco no modelo de desenvolvimento tem sido priorizado inclusive pelos movimentos ambientalistas, que, por perceber que a questão está menos relacionada a medidas individuais e mais ao modelo político e econômico contemporâneo, têm-se organizado não só no contato direto com a natureza, mas também em espaços de discussão e deliberação política.

Os grupos de defesa do meio ambiente, no lugar de serem restritos localmente, têm-se espalhado e se tornado permanentes nas sociedades modernas. A falta de territorialidade da globalização e dos problemas ambientais, favorece a formação de redes de comunicação que começam a ter voz e a conseguir chamar atenção para situações críticas.

Ainda assim, as problemáticas ambientais não podem ser solucionadas sem uma alteração efetiva da forma de se desenvolver e da nossa relação com as riquezas produzidas. Segundo Leonardo Boff, para cuidar do Planeta precisamos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de consumo. No mesmo caminho dessa revisão está o conceito de **desenvolvimento sustentável**, para o qual o avanço da humanidade precisa ser garantido sem impossibilitar o avanço das gerações seguintes. A proposta desse conceito é, portanto, que a humanidade não pare de avançar, mas que esse avanço não leve à extinção de recursos nem impossibilite a vida das futuras gerações.

Resumidamente, alcançar um mundo ambientalmente equilibrado requer conscientização e abandono de privilégios, não só referentes aos governos e às empresas, mas também em relação às pessoas. Não está errado dizer que os governos, as indústrias e a urbanização desordenada são responsáveis por problemas ambientais, mas também não é errado acrescentar que os governos são eleitos por pessoas; as indústrias, sustentadas pelo consumo das pessoas; e os espaços urbanos, habitados por pessoas, que poluem, consomem e ignoram com muita facilidade diversos problemas ambientais, enquanto eles avançam.

É certo que, a muitas dessas pessoas, falta a educação ecológica a que Leonardo Boff se referiu ou mesmo a compreensão da gravidade dessas questões. Entretanto, a muitas outras sobram conhecimentos, e ainda assim prevalece a dificuldade de renunciar aos privilégios e às comodidades da vida globalizada. Em todas essas pessoas, governos e empresas, é preciso desenvolver uma educação ambiental, que não diz respeito a fechar uma torneira ou apagar uma lâmpada, mas a assumir que garantir a vida no Planeta é uma responsabilidade compartilhada e muito mais urgente do que defender a continuidade da expansão e do modelo de vida capitalistas.



Circlephoto/Shutterstock.com



Reflexão

1 (Unesp) O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que, sob a rubrica migração internacional, estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas. A migração internacional, no contexto da globalização, é inevitável e deve ser entendida como parte das estratégias de sobrevivência, de impulso para alcançar novos horizontes, e a globalização, nesse contexto, age como fator de estímulo.

Neide L. Patarra. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, 2006. Adaptado.

Explique por que a globalização é um estímulo à migração internacional. Cite dois aspectos ou “fenômenos distintos” motivadores das migrações.

2 (Unesp) Os *reality shows* são hoje para a classe mais abastada e intelectualizada da sociedade o que as novelas eram assim que se popularizaram como produto de cultura massificada: sinônimo de mau gosto. Com uma maior aceitação das novelas na esfera dos críticos da mídia, o *reality show* segue agora como gênero televisivo mundial, transmitido em horário nobre, e principal símbolo da perda de qualidade do conteúdo televisivo na sociedade pós-moderna. Os *reality shows* personificam as novas formas de identificação dos sujeitos nas sociedades pós-modernas. Programas como o BBB são movidos pelas engrenagens de uma sociedade exibicionista e consumista, que se mantém vendendo ao mesmo tempo a proposta de que cada um pode sair do anonimato e conquistar facilmente fama e dinheiro.

Sávia Lorena B. C. de Sousa. *O reality show como objeto de reflexão cultural*. observatoriodaimprensa.com.br.

Sobre a relação entre os meios de comunicação de massa e o público consumidor, é **correto** afirmar que:

- a** ☐ A qualidade da programação da TV não é condicionada pelas demandas e pelos desejos dos consumidores culturais.
- b** ☐ O *reality show* é uma mercadoria cultural relacionada com processos emocionais de seu público.
- c** ☐ Os critérios estéticos independem do nível de autonomia intelectual dos consumidores.
- d** ☐ No caso dos *reality shows*, a televisão estimula a capacidade de fruição estética do público consumidor.
- e** ☐ Os programadores priorizam aspectos formativos, relegando o entretenimento a uma condição secundária.

3 (Uepa) “A história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução.”

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. Hucitec: São Paulo, 1998. p.17.

O texto tem como temática aspectos da relação homem–natureza em diferentes épocas. A partir dele e utilizando seus conhecimentos geográficos, assinale a alternativa **correta** sobre esta relação.

- a** ☐ O avanço do meio técnico-científico-informacional possibilitou uma maior preservação da natureza, haja vista que as indústrias modernas utilizam tecnologia que restringe a poluição ambiental, além do fato de que, nas sociedades contemporâneas, há maior preocupação com a preservação do meio ambiente.
- b** ☐ As sociedades contemporâneas têm um grande consumo de energia devido ao emprego de tecnologias que facilitam a comunicação, levando muitos países à maior exploração das fontes energéticas com redução dos impactos ambientais, principalmente nos rios e florestas, graças à utilização de tecnologias modernas na apropriação dos recursos naturais renováveis.

- c** ☐ A tecnociência tem, entre seus princípios básicos, a utilização intensa da **mão de obra** humana, o estímulo à preservação da natureza e a redução da ação do homem sobre esta, que ainda se apresenta impotente frente às grandes tragédias da natureza, a exemplo dos furacões e *tsunamis*.
- d** ☐ Nas sociedades primitivas, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar da natureza os elementos indispensáveis à sua sobrevivência; organizava a produção, sua vida social e o espaço geográfico na medida de suas próprias forças e necessidades.
- e** ☐ Nos dias atuais, os objetos tecnológicos que nos servem são cada vez mais técnicos, criados para atender a finalidades específicas, facilitando as comunicações, mudando as relações sociais, interpessoais e com a natureza, graças às políticas estatais de diversos países estimulados pelas Conferências Mundiais sobre o Meio Ambiente, a exemplo do Rio+20.

4 (FGV-RJ – Adaptada) Mais de três quartos dos migrantes internacionais vão para um país com um nível mais elevado de desenvolvimento humano do que o do seu país de origem. Porém, são significativamente restringidos por políticas que impõem obstáculos à sua entrada e pela escassez de recursos disponíveis que lhes permitam a deslocação. As pessoas de países pobres são as que menos se mudam: por exemplo, o número de africanos que se mudou para a Europa é inferior a 1%.

ONU/Pnud. Relatório de Desenvolvimento Humano 2009. *Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humano*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 2.

Considerando o texto e os seus conhecimentos sobre os deslocamentos populacionais, assinale a alternativa **correta**:

- a** ☐ As desigualdades mundiais em termos de desenvolvimento econômico não afetam os fluxos migratórios, já que a taxa de emigração é praticamente nula nos países mais pobres.
- b** ☐ Ainda que não afete os países mais pobres, a migração a partir de países em desenvolvimento em direção aos países desenvolvidos constitui a quase totalidade dos deslocamentos populacionais da atualidade.
- c** ☐ Os trabalhadores com poucas qualificações têm mais facilidade em se estabelecer legalmente nos países desenvolvidos, já que os migrantes qualificados disputam, com os nativos, os melhores empregos.

d A taxa de migrantes internacionais entre a população mundial triplicou nos últimos 50 anos, acompanhando de maneira harmônica a intensificação dos fluxos de capitais e informações associados à globalização.

e Entre as razões que limitam as taxas de emigração dos países mais pobres, destacam-se os elevados custos de transporte e as restrições políticas à travessia de fronteiras internacionais.

5 (Interbits) Leia.

Tive o prazer de ver o Nirvana desbancar Michael Jackson e seus súditos do topo das paradas de sucesso, abrindo espaço para os alternativos remodelarem a música pop. A plebe havia tomado o poder, coisa impensável em outras épocas. Foi bom demais para ser verdade.

E aí as grandes gravadoras lançaram-se numa busca desesperada pelo próximo fenômeno comercial e incentivaram os copiadoreis de plantão a fazerem mais do mesmo. Os originais deram espaço aos oportunistas sem imaginação. Banda boa passou a ser banda que vendia bem. Critérios artísticos foram substituídos por critérios comerciais, e deu no que deu. O resultado disso é sentido neste início de século. Os artistas que dominam as paradas são totalmente descartáveis, e os criativos voltaram para os subterrâneos, seu habitat natural, onde reina a liberdade autoral.

Paralelamente, a MTV criou um monstro sem querer. Os vídeos veiculados por ela passaram a ser mais importantes do que a música em si. Passamos a suportar música ruim porque o clipe é bom. Por isso, entendo quando a nova MTV diz que videocliques quase não terão mais tanta importância na sua programação. Esse formato de VJ/videoclipe está mesmo esgotado, é hora de inventar um outro modo para falar de música.

MOREIRA, Gastão. Gastão sobre MTV: “Passamos a suportar música ruim porque o clipe é bom”. Uol Entretenimento. 30 set. 2013. Adaptado. Disponível online em: <<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2013/09/30/...clipe-e-bom.htm>>. Acesso em: 08/10/2018.

O texto acima comenta as mudanças no canal de televisão MTV Brasil. Do ponto de vista sociológico, esse tipo de análise revela:

a A falta de criatividade dos músicos brasileiros, que, por não produzirem boa música, são obrigados a investir em clipes caros para tornarem atrativas as suas produções.

b A capacidade crítica dos criadores da MTV em redesenhar o canal de televisão. Em vez de sucumbirem à crise, eles reformularam os programas, tornando-os mais bem-feitos.

- c** ☐ A crise do mercado fonográfico brasileiro. Não é somente a MTV que teve de se reestruturar, mas todas as grandes empresas, que hoje não mais conseguem garantir sua importância econômica.
- d** ☐ A força da indústria cultural em criar produtos massificados e facilmente consumíveis pelo grande público. É isso que produz artistas descartáveis e de pouca qualidade fonográfica.
- e** ☐ A incapacidade monstruosa de os vídeos veiculados na Internet serem produzidos por grandes produtoras comerciais.

6 (UFSM) Leia atentamente o texto a seguir.

“Um habitante de Madagascar só dispõe de 5 litros de água por dia. O americano, segundo a ONU, consome 600, os europeus, 200. De energia, cada americano precisa em média de tanta quanto três suíços, quatro italianos, 160 tanzanianos e 1.100 ruandeses. Na luta do ‘bem contra o mal’ é impossível ser igual ao ‘bem’.”

Revista Fórum, n.2, 2001. p.16.

Utilizando-se de seus conhecimentos, analise a crítica contida no texto e assinale a alternativa **correta**.

- a** ☐ O *way of life* americano representa um modelo universalmente inaplicável no projeto de globalização.
- b** ☐ O desenvolvimento sustentável no Planeta só será alcançado no momento em que os americanos gastarem menos água e pouparem mais energia.
- c** ☐ É preciso aumentar a ajuda humanitária dos países ricos para os países pobres, como Tanzânia e Ruanda.
- d** ☐ O objetivo do desenvolvimento sustentado, em nível mundial, é elevar o padrão de consumo dos países pobres ao padrão do americano.
- e** ☐ As grandes diferenças regionais existentes no mundo impedem o processo de globalização de qualquer natureza.

7 (UFPR — Adaptada)

A fronteira do México com os Estados Unidos tem protagonizado distintos processos de natureza social, econômica e espacial. Sobre essa realidade, considere as seguintes afirmativas:

- I. Observa-se um intenso processo migratório ilegal do México com destino aos Estados Unidos, desencadeando ações radicais por parte do governo americano, como a construção de um muro para marcar a fronteira e dificultar o ingresso de imigrantes clandestinos nos EUA.
- II. Há uma importante relação industrial entre os dois países, sobretudo por meio da ação das maquiladoras, indústrias americanas instaladas do lado mexicano que se aproveitam de isenções tarifárias, importam componentes dos Estados Unidos, executam a montagem dos produtos utilizando-se do baixo custo da **mão de obra** mexicana e exportam os produtos acabados para os EUA, com preços normalmente abaixo daqueles praticados pelas indústrias que produzem em território americano.
- III. Os problemas existentes entre ambos os países podem ser atribuídos à separação física estabelecida por essa fronteira: o México compõe a América Central e os Estados Unidos a América do Norte.
- IV. A importância da fronteira entre EUA e México em relação à migração e ao processo de localização das maquiladoras se justifica pelo fato de as maiores cidades mexicanas estarem localizadas na região de fronteira, inclusive a capital, Cidade do México.
- V. As remessas de dólares que os imigrantes fazem para suas famílias no país de origem contribuem com expressiva parcela da economia mexicana.

- a ☐ Somente as afirmativas I e III são verdadeiras.
- b ☐ Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.
- c ☐ Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.
- d ☐ Somente as afirmativas II, III e V são verdadeiras.
- e ☐ Somente as afirmativas I, II e V são verdadeiras.



Uma nova globalização é possível?

Vimos, ao longo dos capítulos anteriores, reflexões e faces do processo de globalização que ocorre na atualidade. Pensamos sobre suas repercussões em alguns setores da vida e entramos em contato com realidades preocupantes, tanto do ponto de vista social e humano quanto ambiental. Ao mesmo tempo também mencionamos vantagens desse processo e transformações positivas que repercutiram a partir dele.

Esse conflito entre vantagens e desvantagens do processo de globalização foi organizado pelo conceituado geógrafo brasileiro Milton Santos. No seu livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, o autor argumenta que a globalização precisa ser vista em, ao menos, três dimensões: a **globalização como fábula**, **como perversidade** e uma outra globalização, que também poderíamos chamar de **globalização como possibilidade**.

Ao se referir à globalização como fábula, Milton Santos chama a atenção para supostas vantagens do mundo global que são apresentadas a nós cotidianamente. Ouvimos falar, por exemplo, que a globalização aproxima as pessoas, tornando possível o contato entre cidadãos de terras distantes, que o mercado global conduz a todos para um mundo de negócios rápidos e extremamente lucrativos e que, graças à dinâmica do mundo globalizado, está sendo formada uma comunidade global.



Abertura da 71ª sessão da **Assembleia** Geral das Nações Unidas em Nova York, Estados Unidos.



Apresentação de manifestações culturais do Brasil em Coburg, Alemanha, em 2016.

Para o autor, essa perspectiva pode ser percebida como uma fábula ou fantasia, pois ela é apenas parte da verdade, a parte que interessa aos que têm se tornado mais ricos e poderosos graças à globalização. No lugar de um contato entre cidadãos de terras distantes, temos um contato seletivo disponível para os que podem pagar por ele, restando aos que não podem o isolamento e os muros. No lugar de um mercado global que conduz a todos para negócios lucrativos e rápidos, há grandes lucros para uma pequena parte da população e muitos custos humanos para a maior parte, o que mantém e agra-

va as desigualdades econômicas entre nações ricas e pobres e entre os mais e menos abastados do mundo. Por fim, no lugar de uma comunidade global, o autor aponta para um mundo que se torna menos unido e mais incompatível.

Atrás dessa fábula de uma globalização unificadora e que acarreta uma existência equilibrada e global, o autor expõe a segunda dimensão da globalização, a da perversidade ou crueldade. Assim, além da globalização como nos contam, há uma globalização mais real e da qual não se deseja falar. Esta é a globalização da manutenção e do agravamento das desigualdades. Como falamos, nessa dimensão a pobreza aumenta, o desemprego se torna crônico, novas enfermidades se instalam, junto a crises ambientais. Enquanto isso, os debates sobre a humanidade e a civilização dão lugar a discussões sobre o lucro e o crescimento econômico dos países.



Um exemplo do lado perverso da globalização é quando uma pessoa perde o emprego na Índia, por exemplo, por causa de uma queda na Bolsa de Valores de Nova York.

Retomando o conceito de globalização com que estamos trabalhando deste o início, podemos dizer que, na globalização como perversidade, há o privilégio da relação entre produtos e uma limitação à intensificação da relação entre pessoas e **ideias**. De fato, ao falarmos das fronteiras e de o quanto elas podem ser mais ou menos abertas, indicamos que não há fronteiras ou limites para os produtos e para o mercado global, enquanto há limites para a disseminação de ideias e não só fronteiras fixas, mas também muros e cercas sendo erguidos para algumas pessoas.



A maioria dos produtos dos países desenvolvidos chegam com facilidade aos países em desenvolvimento e voltam como lucro. Em contrapartida, a imigração dos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos é dificultada ou, em muitos casos, proibida. Na foto, muro na fronteira entre Estados Unidos e México.

Diante dessas duas globalizações, Milton Santos apresenta uma terceira dimensão voltada para um futuro possível e necessário para o mundo global. Ao falar de outra forma de globalizar e de outras possibilidades, ele teoriza sobre o mundo como poderia ser. Neste caso, não há uma descrição de discursos que já existem ou a exposição de fatos e circunstâncias que contradizem esse discurso, mas há a apresentação de elementos que poderiam ser utilizados para construção de um futuro diferente e menos desigual.

Neste momento da nossa jornada, interessa-nos pensar na possibilidade de construir um mundo global que enfrente a sua dimensão perversa. Antes de tudo, sobre essa outra globalização, é preciso perguntar: é realmente possível construí-la? Não seria a globalização uma expansão inseparável do capitalismo e da sua lógica de produzir e lucrar?

Ainda utilizando os conhecimentos difundidos pelo geógrafo Milton Santos, a resposta para a primeira pergunta seria *sim*, é possível construir outra globalização e, para a segunda questão, seria *não*, a globalização como está construída não é irreversível, assim como o capitalismo, que é ideia ou um modo de gerir a economia, também não é inalterável.

Os caminhos para a nova globalização já estariam construídos, uma vez que seriam as mesmas bases materiais da globalização contemporânea, isto é, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do Planeta. Essas bases técnicas e tecnológicas — que permitem que se produza, por todo o mundo, a partir de técnicas comuns; que haja uma lin-

guagem informacional comum; que as distâncias tenham sido potencialmente diminuídas pelos transportes e pelos meios de comunicação; e que as pessoas do mundo tenham a possibilidade de se ver e de se compreender como um todo inter-relacionado — têm sido utilizadas para garantir a globalização que privilegia o capital, mas poderiam ser reutilizadas em prol de uma globalização que desse preferência às pessoas e às identidades.



A cidade de Masdar, nos Emirados Árabes Unidos, foi construída com iniciativa privada, para ser um lugar 100% sustentável. A cidade une avanço, qualidade de vida e meio ambiente em pleno deserto árabe.

Para Milton Santos, mesmo que a atual globalização focalize a aproximação entre produtos e a expansão dos mercados, como efeito colateral ela gerou bases que tornam possível a emergência de uma nova história, feita privilegiando os dois outros elementos da globalização, atualmente deixados em segundo plano: as pessoas e as ideias.

O ambiente global, construído com a finalidade de aproximar demandas de mercado e expandir riquezas, acabou aproximando também as pessoas e as suas ideias. Por mais que, como vimos, sejam mantidas as fronteiras e construídas novas barreiras para evitar essa aproximação, que não é prioritária para a dimensão perversa da globalização, a intensificação do contato acaba acontecendo.

Ainda que, em muitas situações, as questões culturais e migratórias sejam conduzidas por relações econômicas, nessas duas faces é possível identificar

pontos de resistência, nos quais passam a atuar outras lógicas, além da comercial. As periferias dos centros decisórios são, por excelência, os ambientes da emergência dessa nova história, uma vez que neles há uma enorme mistura de povos, bem como uma mistura de **ideias** e filosofias, incentivada pelo progresso da informação.

Nas periferias, além de coexistirem, as pessoas e as ideias ocupam espaços pequenos e estão expostas a uma dinâmica acelerada, em que é difícil não continuar em contato e em processo de influência. Também é importante destacar que, nas periferias do mundo, costuma-se experimentar muito mais a globalização como perversidade, do que como fábula.



Durante a Copa de 2014, jogadores de futebol da seleção inglesa participaram de um projeto social na comunidade da Rocinha, Rio de Janeiro.

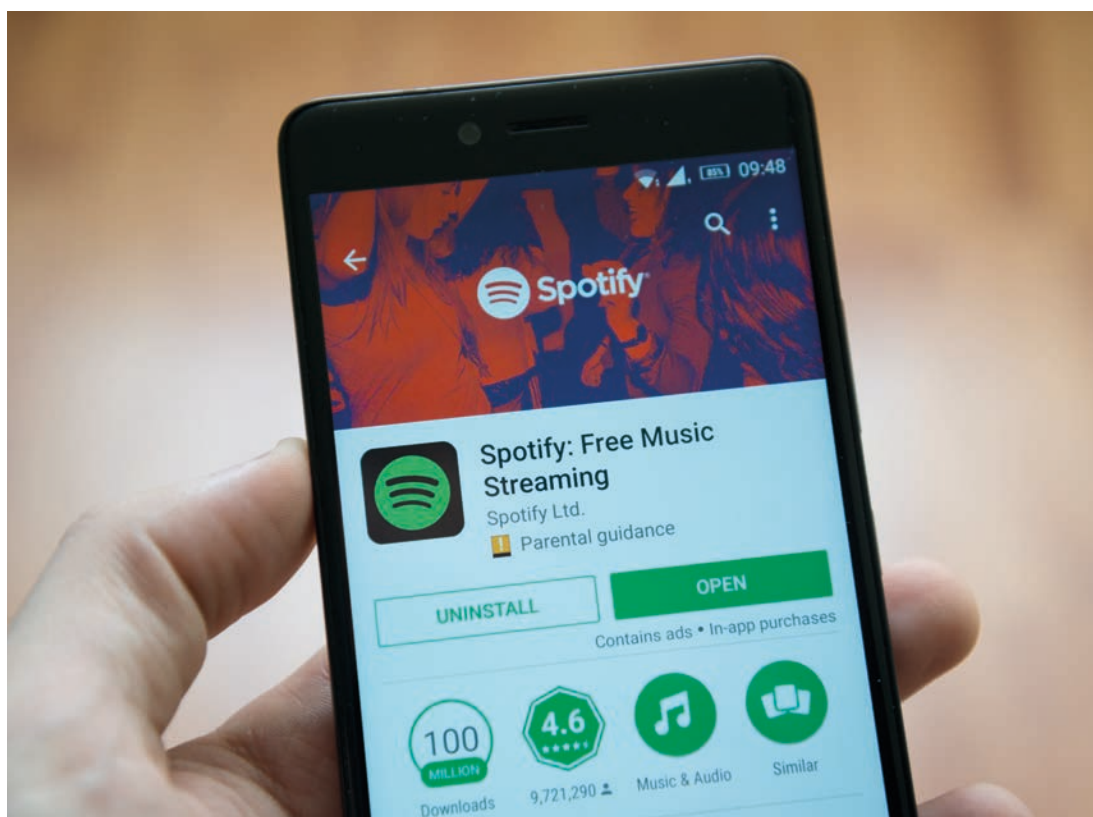
Ocorre então que, em alguns espaços periféricos, pessoas muito distintas podem conviver e hibridizar suas identidades, com uma pequena mediação de relações políticas e econômicas, já que as periferias tendem a ser esquecidas pelos poderes instituídos. Além de poder unir-se pela proximidade e pelo convívio, as pessoas da periferia também podem se aproximar pela percepção de que, em conjunto, fazem parte da parcela explorada do mundo global, uma vez que é a elas que cabe a pobreza, a fome e o preconceito, enquanto a outros cabe a riqueza, o excesso e o protagonismo social.

As periferias em questão não precisam se referir apenas aos locais que estão ao redor das cidades. Em um mundo global, países e regiões inteiras

podem estar periféricos à tomada de decisões e ao usufruto da riqueza. Esses espaços se diferenciam pelas populações e identidades que participam da sua formação, mas se igualam por serem os que sofrem com a maior parte dos problemas decorrentes dessa globalização.

Para Milton Santos, é justamente desses espaços que deve emergir uma nova história, pois, muito além de ser um lugar de sofrimento (o que continua sendo), a periferia também é um lugar de trocas e de uma cultura que não conseguiu ser plenamente controlada pelo capital. Em outras palavras, podemos dizer que as periferias do mundo são o limite entre o excesso e a ausência e, ao conviverem com a diversidade e com a desigualdade, são regiões estratégicas para a resistência e reconstrução das relações e identidades locais.

Na atualidade, as periferias do mundo têm ganhado força pela possibilidade de acessar a meios técnicos antes exclusivos à indústria cultural. Com a Internet e com as redes sociais, por exemplo, a possibilidade de produzir um conteúdo e difundi-lo para um amplo público passa a ser não só dos que possuem muitos recursos, como os grandes veículos de comunicação, mas também dos moradores das periferias.



Antes do advento da Internet, para divulgarem suas músicas, os artistas precisavam recorrer às gravadoras e às rádios. No final dos anos 1990, muitos disponibilizaram suas músicas para *download* em formato compactado, chamado MP3. Atualmente, *softwares* como o Youtube e o Spotify (acima), fazem esse serviço.



A Internet conectou as grandes periferias das cidades, possibilitando desenvolver projetos que lhes trazem inúmeras novidades. O projeto DoLadodeCá, por exemplo, usa as redes para conectar as comunidades com informação e projetos. Na imagem, bairro da Brasilândia, São Paulo.

Desse acesso, surge a oportunidade de construção de novos discursos, ou seja, a partir da disponibilidade de ferramentas de comunicação, as periferias, que no âmbito da indústria cultural deveriam ser apenas receptores passivos, passam a ter voz e, com essa voz, reivindicam outro olhar para si mesmas, assim como para as injustiças que sofrem e para as desigualdades das quais são vítimas. As vozes da periferia, em suas inúmeras expressões, falam justamente do que não se quer falar, pois tratam do seu cotidiano, que, como sabemos, não se enquadra na fábula, mas na perversidade.

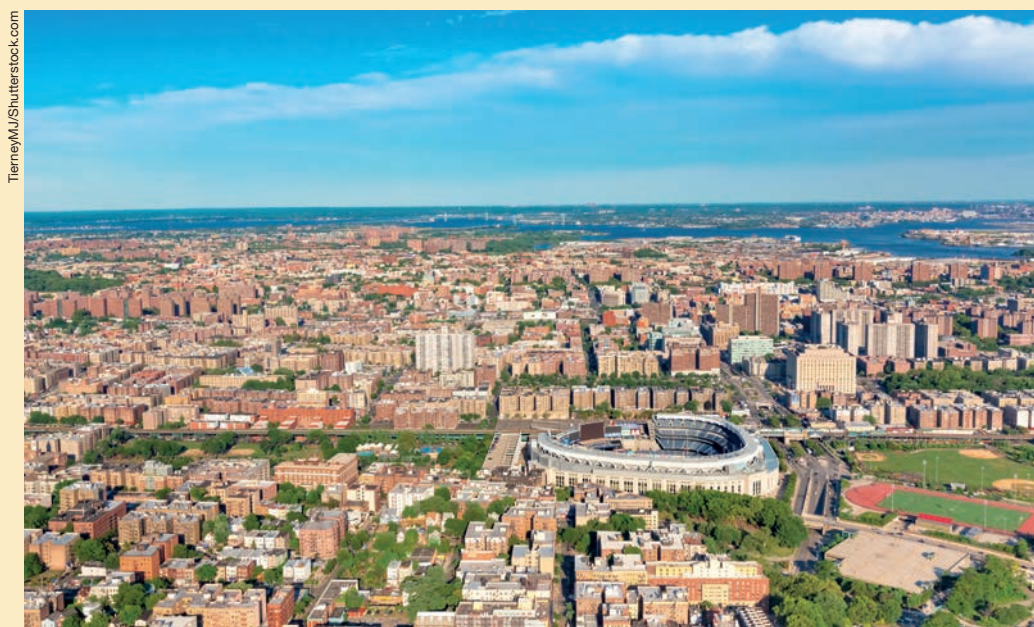
Pode até parecer que o acesso a ferramentas de comunicação seja um passo pequeno diante das dimensões da globalização, mas, em conjunto, os discursos das periferias são vozes alternativas, levantadas contra as injustiças das relações de trabalho e contra a uniformização de pessoas e ideias. Ao se comunicar, as periferias podem se organizar e, organizadas, podem tornar evidentes, inclusive a pessoas de outros espaços, as mazelas do mundo global. É dessa forma que, para Milton Santos, pode começar a emergir outra globalização, na qual as pessoas e as ideias importam mais do que os produtos.

A literatura periférica

A visão sobre periferia que prevaleceu até a década de 1990 caracterizava-a como área urbana homogênea, marcada por alta densidade populacional, baixa renda, elevados índices de violência e precariedade urbana. Esse olhar criou um estigma, resultado de segregação não apenas geográfica, econômica e social — mas também cultural. Nas bordas da metrópole, reside o abandono. Em um lugar onde os serviços básicos como saneamento, saúde, educação, moradia e transporte são escassos, equipamentos e políticas culturais eram (e ainda são em muitas regiões) praticamente inexistentes.

Foi no campo da cultura, porém, que surgiu, na última década do século XX, uma afirmação positiva da condição periférica. O movimento *hip-hop*, que despontou na década de 1970, tendo o centro da cidade como ponto de encontro, espalhou-se na década seguinte para as áreas suburbanas, de onde boa parte de seus adeptos era oriunda. Invocava, nas letras de rap, uma afirmação de pertencimento à periferia que veio ressignificar o sentido da expressão, até então marcadamente pejorativa. A partir do *hip-hop*, uma forte cena cultural surgiu nos extremos da metrópole.

[...]



O *hip-hop* nasceu na periferia de Nova York, entre comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas. Na imagem, bairro do Bronx, na cidade de Nova York.



O *funk* chegou ao Brasil por volta de 1970 e foi adotado pelas comunidades periféricas do Rio de Janeiro. DJs cariocas anexaram instrumentos musicais criados no País, como o atabaque, com influência do *Miami bass* e *Freestyle*, vindos das periferias norte-americanas. Assim nasceu o *funk* carioca, retratando nas letras o cotidiano das comunidades.

A efervescência da cultura produzida se dá principalmente depois de 2005. Essa nova etapa passa a impor ao movimento outras exigências. Não se trata mais, apenas, de afirmar a condição periférica pela exclusão social a que estão submetidos seus protagonistas e precariedade dos meios que lhe são acessíveis para seu desenvolvimento cultural. Daí para frente, o que será observado (pela mídia e pela universidade, espaços maiores de legitimação, embora não únicos) é a produção artística que emerge dessa cultura suburbana. Se não for assim, a

arte produzida na periferia ficará relegada a um fenômeno de grande impacto social, porém pouca repercussão estética.

[...]

É necessário que os artistas da periferia disputem e se apropriem do conceito de *estética* para afirmarem a qualidade artística de seus trabalhos. Caso contrário, ficarão restritos à afirmação pela condição social, um argumento que tem um poderoso sentido político, porém é limitado em termos artísticos. Chega um momento que se esgota, quando deixa de ser novidade. Esse esgotamento está próximo. Só o desenvolvimento estético permite à produção artística extrapolar o contexto social da periferia, atingindo um universo mais amplo.

De qualquer forma, já é possível falar de uma estética própria da periferia expressa na produção artística em todas as linguagens: do teatro às artes visuais, passando pela música, dança, cinema e literatura. Uma estética que evidencia a origem de classe de seus autores e um sentido libertário presente em cores, tons, letras, imagens, melodias, dramaturgias e todo o universo de criação artística existente.

Fonte: Outras Palavras. Por Antônio Eleilson Leite. Disponível em: <https://outraspalavras.net/posts/literaturas-da-periferia-o-desafio-da-estetica/>. Acessado em: 17/04/2018.

Na nova globalização, a democracia e a sua efetividade também precisaria ser revista, uma vez que alguns autores influentes, como o já citado filósofo alemão Jürgen Habermas e o escritor português vencedor do Nobel de Literatura José Saramago, têm apontado para o comprometimento da democracia contemporânea. Saramago fala de uma democracia **sequestrada**, indicando que, no lugar de ser um governo em que o povo exerce a soberania, esse sistema político passou a ser dominado por outros interesses.

Ele exemplifica o pequeno exercício de soberania popular indicando que, na atualidade, as decisões do povo se limitam a retirar do poder um governo de que não gosta e colocar outro do qual pode vir a gostar, enquanto as grandes decisões são tomadas em espaços em que a população não é chamada a participar. Continuando no seu exemplo, ele lista algumas instituições de grande poder e influência global, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Banco Mundial, e destaca que elas não têm seus presidentes eleitos com o voto popular nem prestam contas à população mundial, ainda que interfiram na sua vida e que se apresentem como instituições democráticas.

Na obra de Habermas, um dos mais influentes filósofos da contemporaneidade, a democracia recebe um importante destaque. Em muitas teorias, conceitos e elaborações, é possível perceber uma conexão com a democracia e com a necessidade de questionar sua efetividade e reconstruir seu potencial deliberativo.

Para Habermas, toda sociedade é formada, ao mesmo tempo, por um mundo da vida e por uma realidade sistêmica. Enquanto o mundo da vida diz respeito a saberes compartilhados por todos, isto é, aos conhecimentos basilares para viver e entrar em contato com os demais; o sistema se refere ao conhecimento como instrumento racional de organização da realidade. Essa divisão é importante, pois, para Habermas, é o seu desequilíbrio que gera problemas à democracia.

Habermas indica que, na modernidade, a realidade sistêmica deixou de conviver com o mundo da vida e passou a colonizá-lo, isto é, no mundo capitalista, as estruturas do mundo da vida são deformadas pela invasão da racionalidade sistêmica, baseadas no dinheiro e no poder. As racionalidades administrativa e econômica teriam deixado de atuar apenas na administração do Estado e na gestão econômica e passado a ser a base para lidar com a realidade.

Esse desequilíbrio apontado pelo autor se compatibiliza com a globalização contemporânea, tomada como um ciclo de expansão do capitalismo e como uma intensificação de relações guiadas pela maior importância conferida aos produtos e à geração de lucro. A prioridade da racionalidade sistêmica é, em resumo, a prioridade do dinheiro e do poder em relação à vida, à

comunidade e à humanidade. A colonização do mundo da vida faz com que, mesmo nas ações cotidianas, a lógica do dinheiro e do poder prevaleçam em relação à lógica da vida.



Muitas empresas nacionais e internacionais (globalizadas) foram acusadas de manter trabalho escravo no Brasil. Famílias de bolivianos imigrantes vivem em condições precárias até hoje. Muitos trabalham por R\$ 5,00 para cada peça de roupa produzida, enquanto, na loja, a mesma roupa pode ser vendida por muito mais que isso.

Para preservar o mundo da vida e uma racionalidade baseada na integração de valores e normas e na constante busca por entendimento, é necessário, sempre que possível, permitir a deliberação popular. Em outras palavras, para alcançar democracias efetivas e para proteger a racionalidade ligada ao mundo da vida, e não comandada pelo dinheiro e pelo poder administrativo, é preciso que as pessoas e as suas discussões voltem a ter um papel importante na tomada de decisões.

Os espaços de participação popular são chamados, na literatura de Habermas, de **esfera pública**. Esses termos, já mencionados anteriormente, referem-se a espaços de discussão de temáticas de interesse público em que todos os interessados podem participar (não apenas representantes eleitos) e em que as decisões são tomadas não por motivos econômicos e políticos, mas a partir das discussões guiadas por razões e conhecimentos compartilhados.

O fato de todos poderem participar da esfera pública não garante que todos irão, mas assegura a formação de uma comunidade em que todos os interessados têm o mesmo direito de emitir opinião e em que suas deliberações têm a mesma importância da de outros sujeitos, ainda que eles sejam mais ricos ou mais poderosos. O conceito de esfera pública é muito importante para a efetivação da democracia na perspectiva de Habermas, pois ele é tanto um espaço de discussão e de estabelecimento de normas comprovando legitimidade social quanto um espaço de formação de uma comunidade.

A existência de instâncias de participação popular seria ainda mais importante diante de uma realidade globalizada, isso porque, à medida que a globalização diminui a força do Estado, ela coloca em risco também a democracia e a validade das pequenas decisões tomadas pela população. Por esse motivo, Habermas fala da formação de uma **esfera pública comum**, constituída por organizações da sociedade civil que, na atualidade, costumam ser a periferia das tomadas de decisão.

Dessa esfera pública comum, surgiria uma **comunidade mundial**, ou seja, uma união de todas as pessoas interessadas em deliberar sobre causas importantes para a humanidade e para o Planeta, bem como a percepção de que, independentemente da nação de origem, todas as pessoas são membros de uma realidade comum e compartilhada. O adequado funcionamento de uma esfera pública comum faria com que existisse **uma instância de decisão mundial, sem a necessidade de um governo mundial**, pois seriam pessoas e organizações sociais independentes, ligadas a causas, e não a empresas e nações, que participariam da tomada de decisões.

A esfera pública comum, de Habermas, corresponde à necessidade apontada por outro autor, o filósofo Peter Singer, de fortalecer **instituições de decisão global**, bem como de torná-las mais responsáveis perante as pessoas a quem afetam. Assim como Habermas, Singer também compreende que essas instituições levariam à constituição identitária de uma comunidade global.

Peter Singer esclarece que, na atualidade, essas **ideias** têm pouco apoio político, não só pela ameaça que poderiam representar aos interesses dos mais ricos (que são, na atualidade, os responsáveis pela tomada de decisão), mas também por serem considerados um risco incerto. Alguns acreditam que um governo mundial seria uma hipótese mais concreta, mas é comum o temor de que esse governo mundial pudesse se tornar uma tirania global e com recursos para ser imbatível. Além disso, um governo mundial não resolveria o problema da legitimidade democrática, causada pela falta de espaço para a participação popular, apenas o agravaria.

Uma importante vantagem das instituições de decisão global ou esfera pública comum é que nelas as decisões não seriam tomadas de cima para baixo, isto é, não viriam de uma parcela abastada, que não conhece a realidade das periferias, mas partiriam de baixo, incluindo populações e grupos ligados ao enfrentamento direto dos problemas globais.

O papel dessas instâncias não seria o de governar o mundo, mas o de discutir a favor da criação de normas e valores comuns. Poderiam discutir, por exemplo, o estabelecimento de padrões trabalhistas válidos em todo o

mundo, bem como de normas de proteção ambiental, também poderiam deliberar sobre a proteção das identidades locais e sobre a condição de humanidade e cidadania.

Além de serem desenvolvidos e aceitos, para que pudessem conduzir o mundo para uma globalização diferente e melhor, esses padrões precisariam ter sua implementação verificada e cobrada, seja por instituições nacionais, seja por um organismo global. De uma forma ou de outra, para a construção de outra globalização é preciso não só que as pessoas sejam chamadas a participar da democracia, mas também que a sua participação não seja apenas aparente, e sim a base para o que é considerado legítimo no mundo global.

Em resumo, o que essas teorizações apontam é a necessidade de construir outras lógicas de organização do mundo, nas quais as pessoas e suas relações — seja com o trabalho, seja com a cultura, seja com outras pessoas — não signifiquem menos do que o crescimento econômico e a lucratividade. Essas ideias costumam ser chamadas de pouco realistas e até de fantasiosas, pelos seus críticos; por outro lado, entretanto, seus defensores e os que questionam a realidade em curso indicam que mais utópico é continuar reforçando padrões de produção e consumo que são destrutivos para a humanidade e para o meio ambiente.



Ander Dylan/Shutterstock.com

Na cidade de Arrasate-Mondragón, Gipuzkoa, País Basco, Espanha, foi fundada uma empresa onde todos os moradores da cidade são os donos (sociedade cooperativa). Qualquer decisão é votada por **assembleia** entre todos. Esse modelo congrega o capitalismo e o socialismo harmoniosamente em um mundo globalizado.

Reflexão

1 “Os séculos XV e XVI são celebrados pelas viagens de descobrimento que provaram que o mundo é redondo. O século XVIII presenciou as primeiras proclamações dos direitos humanos universais. A conquista do espaço no século XX permitiu que um ser humano contemplasse nosso planeta de fora

e o visse, literalmente, como um só mundo. Neste momento, o século XXI tem diante de si a tarefa de desenvolver uma forma adequada de governo para esse mundo único. Trata-se de um desafio moral e intelectual de porte monumental, mas não podemos nos recusar a aceitá-lo. O futuro do mundo depende da eficácia com que o faremos.”

SINGER, Peter. *Um só mundo: a ética da globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

O trecho lido compreende a contemporaneidade como um período em que se devem desenvolver formas adequadas para governar o mundo globalizado. Sobre a globalização e os desafios para a democracia e para a política, responda:

a. Por que as atuais formas de governo não são suficientes para lidar com os desafios globais?

b. O que justifica a afirmação de Peter Singer de que o desafio de desenvolver formas adequadas de governo é um desafio tanto moral quanto intelectual?

2 “Nos últimos anos, a periferia tornou-se algo importante. Pouco a pouco, a palavra foi adquirindo novos sentidos e hoje é moeda corrente em conversas de políticos, programas de partidos, nos planos de governo, em discursos de militante de base e, como não poderia deixar de ser, nas análises dos cientistas sociais. De tão usada, transformou-se em uma espécie de moda.

E, como talvez aconteça com toda moda, a difusão acabou por lhe retirar conteúdo: ‘periferia’ quer dizer muita coisa e, ao mesmo tempo, não serve para explicar quase nada.

A palavra é usada para designar os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas, como ‘subúrbio’. Mas sua referência não é apenas geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e **infraestrutura** urbana.

Seguramente, a ‘periferia’ não é o primeiro tipo de espaço urbano deficiente que existiu em nossas metrópoles, e não foi simplesmente o fato de existir enquanto tal que chamou a atenção de todos. Se ficou tão conhecida, foi provavelmente porque, desde meados da década de 1970, seus moradores, armados de faixas e cartazes e reunidos em grupos, aprenderam o caminho da prefeitura e de como exigir da administração pública aquilo a que tinham direito: ônibus, água, luz, posto policial, etc. etc.”

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 7.

A partir da leitura do texto sobre periferia e da relação entre essa realidade e a globalização, assinale o que for **incorreto**.

- a ☐ Nas regiões periféricas, é possível experimentar não só uma precariedade de serviços, mas também um menor usufruto da riqueza global.
- b ☐ O movimento dos moradores da periferia se fortalece com o acesso a ferramentas de comunicação que podem fazer com que as vozes da periferia sejam ouvidas, bem como auxiliar sua organização.
- c ☐ A realidade das periferias favorece que elas sejam espaços de reconstrução de identidades locais, mesmo diante das tentativas da indústria cultural de homogeneizar os produtos culturais.
- d ☐ As expressões artísticas da periferia costumam ser plenamente livres, uma vez que não interessam à indústria cultural.
- e ☐ Alguns estudiosos percebem a periferia e a sua produção cultural como elementos de resistência às mazelas do mundo globalizado.

O texto a seguir serve de referência para as questões 3 e 4.

“O desejo dos famintos de ir para onde a comida é abundante é o que naturalmente se esperaria de seres humanos racionais; deixar que ajam de acordo com esse desejo é também o que parece correto e moral à consciência. É por sua inegável racionalidade e correção ética que o mundo racional e eticamente consciente se sente tão desanimado ante a perspectiva da migração em massa dos pobres e famintos; é tão difícil de ir onde há abundância de comida; e é virtualmente impossível propor argumentos racionais convincentes provendo que a migração seria para eles uma decisão irracional. O desafio é realmente espantoso: negar aos outros o mesmíssimo direito à liberdade de movimento que se elogia como a máxima realização do mundo globalizante e a garantia de sua crescente prosperidade...”

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências* humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

3 Na passagem acima, Bauman apresenta um conflito existente no mundo global e chama a atenção para a falta de sentido moral ou racional para argumentar a favor da manutenção da situação como está. Outro importante autor, o geógrafo Milton Santos, tratou dos conflitos existentes na atualidade globalizante e a partir deles elaborou três dimensões para a globalização, a da fábula (dizendo respeito a um discurso que mostra a globalização como vantajosa para todos), a da perversidade (a respeito das mazelas mantidas e agravadas com a globalização) e de uma outra globalização (sobre a possibilidade e necessidade de se modificarem as prioridades da globalização). Identifique, no texto de Bauman, elementos discursivos que compõem a globalização como fábula, bem como os que revelam a sua face perversa.

4 No trecho, o sociólogo Zygmunt Bauman trata da questão migratória contemporânea, expondo a incoerência do fechamento das fronteiras para pessoas necessitadas, principalmente diante do discurso globalizante de liberdade de trânsito. A questão migratória é, de fato, um dos principais desafios ao modelo de globalização existente e uma das principais mostras da necessidade de reconstruir a globalização contemporânea.

Com base na leitura do texto e nos seus conhecimentos sobre os problemas e as necessidades de mudança do modelo de globalização contemporâneo, marque o que for **correto**.

- a** ☐ A reestruturação da globalização não deve envolver as questões migratórias, uma vez que não há como justificar a obrigação de que o governo de um país auxilie a população de outro.
- b** ☐ Além do trânsito de pessoas, as questões ambientais são elementos que devem ser modificados para a construção de uma globalização diferente. Na atualidade, a preservação ambiental é colocada acima dos direitos humanos, o que deve ser modificado.
- c** ☐ A construção de uma nova globalização, segundo estudiosos como o filósofo alemão Habermas, requer a diminuição do privilégio à racionalidade econômica e política e a priorização de questões mais humanas, entre as quais estão os fluxos migratórios e as suas razões.
- d** ☐ Na atualidade, a globalização permite e incentiva, com a mesma ênfase, a intensificação da relação entre produtos, pessoas e **ideias** de localidades distintas.
- e** ☐ O novo modelo de globalização requer que se ignore completamente a economia e a política, a fim de construir uma sociedade que se importe apenas com a cidadania global e com a proteção do meio ambiente.

5 (UEL) “Sejamos mais claros: os instrumentos atuais da universalização, dos quais costumamos dizer que eliminam o tempo e reduzem o espaço, só realizam esse milagre para alguns! Quantos, na realidade, podem **beneficiar-se** das facilidades de contato criadas à escala mundial pelo avião ou pelo telefone? Quantos, igualmente, podem ter acesso à difusão de um saber multiplicado e universalizado? As próprias estradas de rodagem, que se expandem dentro de cada país, e as próprias ruas dentro de cada cidade somente são utilizadas por alguns.”

SANTOS, M. *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986. p.170.

Sobre a universalização ou globalização discutida pelo geógrafo Milton Santos, é **correto** afirmar que:

- a ☐ Com a universalização, não muda a organização do espaço.
- b ☐ Com a universalização, a discriminação entre os indivíduos está desaparecendo, juntamente às distinções de classe social.
- c ☐ Como as pessoas de menor poder aquisitivo têm hábitos de vida mais simples, não há razão para que elas participem dos benefícios trazidos pelas inovações tecnológicas.
- d ☐ A utilização dos meios universais de comunicação relaciona-se diretamente com a soma de poder que cabe a cada indivíduo.
- e ☐ A modificação do espaço geográfico, tendo como uma das causas a universalização, é sempre maléfica.

6 (Cespe) No Brasil, muitos trabalhadores estão submetidos a relações e condições de trabalho, se não iguais, análogas àquelas estabelecidas pelo antigo sistema escravista, embora a escravidão tenha sido oficialmente abolida há mais de cem anos. Atualmente, o trabalho caracterizado como forçado ou escravo é uma prática que afeta:

- a ☐ O setor privado, não alcançando os serviços ou projetos desenvolvidos pelo setor público.
- b ☐ O prestígio brasileiro no sistema internacional, pois tais condições de trabalho, diante das demais nações industrializadas, são uma particularidade do País.
- c ☐ Os pré-adolescentes do sexo masculino e semialfabetizados, principal **mão de obra** utilizada no setor agrícola.
- d ☐ Entre outros, os imigrantes ilegais residentes em diversas cidades, explorados principalmente pela indústria têxtil e de confecções.
- e ☐ O Estado, carente de recursos para identificar os empregadores que usam o trabalho escravo e prejudicam a economia.

7 (Enem) No século XX, o transporte rodoviário e a aviação civil aceleraram o intercâmbio de pessoas e mercadorias, fazendo com que as distâncias e a percepção subjetiva delas se reduzissem constantemente. É possível apontar uma tendência de universalização em vários campos; por exemplo, na glo-

balização da economia, no armamentismo nuclear, na manipulação genética, entre outros.

HABERMAS, J. *A constelação pós-nacional: ensaios políticos*. São Paulo: Littera Mundi, 2001. Adaptado.

Os impactos e efeitos dessa universalização, conforme descritos no texto, podem ser analisados do ponto de vista moral, o que leva à defesa da criação de normas universais que estejam de acordo com:

- a** ☐ Os valores culturais praticados pelos diferentes povos em suas tradições e costumes locais.
- b** ☐ Os pactos assinados pelos grandes líderes políticos, os quais dispõem de condições para tomar decisões.
- c** ☐ Os sentimentos de respeito e fé no cumprimento de valores religiosos relativos à justiça divina.
- d** ☐ Os sistemas políticos e seus processos consensuais e democráticos de formação de normas gerais.
- e** ☐ Os imperativos técnico-científicos, que determinam com exatidão o grau de justiça das normas.

8 (UPE — Adaptada) Ao fazer o estudo bibliográfico sobre um determinado assunto do conteúdo programático do vestibular da Universidade de Pernambuco (UPE), um vestibulando encontrou e anotou a seguinte definição: “É aquele que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.”

Trata-se da definição **correta** de:

- a** ☐ Crescimento neomalthusiano ambiental.
- b** ☐ Desenvolvimento sustentável.
- c** ☐ Ecodesenvolvimento neoliberal.
- d** ☐ Desenvolvimento capitalista.
- e** ☐ Ecodesenvolvimento darwinista.

O fim e o **recomeço**

Começamos nossa conversa sobre globalização indicando que todos nós vivemos em uma realidade global. Gostando ou não, a verdade é que estamos expostos a aproximações que fazem com que as distâncias possam ser potencialmente menores e que localidades distantes não estejam mais tão isoladas quanto estiveram em outros períodos.

Na **sequência**, aprendemos que, conceitualmente, a globalização pode ser definida, conforme fez Giddens, como uma intensificação de relações espalhadas pelo mundo e que envolvem produtos, pessoas e **ideias**. A interdependência incentivada pela globalização faz com que as fronteiras possam se tornar permeáveis e que, cada vez mais, a existência torne o Planeta Terra um território transitável, e não uma imensidão teórica.

Ainda que a diminuição das distâncias seja uma realidade e que tenham sido desenvolvidos recursos tecnológicos para fazer com que pessoas, ideias e produtos possam se deslocar sem restrições pelo mundo — na realidade, algumas fronteiras não deixaram de existir. A globalização em curso também pode ser compreendida como uma expansão do modo de produção capitalista, que passou a atuar em um mercado mundial. A relação entre o capitalismo e a globalização nos ajuda a entender o motivo de os produtos poderem circular facilmente, enquanto as pessoas e as ideias ainda encontram restrições.

A maior importância conferida à face econômica da globalização é vantajosa para o comércio global, mas traz grandes desvantagens para dimensão cultural, social e ambiental desse fenômeno. Podemos dizer, sem medo de errar, que a globalização que todos experimentamos não se manifesta da mesma forma em todas as partes do Planeta. Alguns se tornam mais ricos, mais cidadãos e mais livres, ao passo que outros empobrecem, são expostos a situações desumanas e ainda são proibidos de fazer uso dos recursos existentes para buscar melhores condições de vida em outros espaços.

A mesma globalização que possibilita para alguns a experiência de um mundo sem fronteiras condena outros a situações de pobreza, silenciamento e falta de direitos. Além das questões trabalhistas, culturais e migratórias, que atingem as pessoas de maneira desigual, a forma de desenvolvimento contemporâneo traz um problema que não faz diferenciações, atingindo a todos, ricos e pobres, centrais ou periféricos: são as questões ambientais.

Ambientalistas e estudiosos alertam que a forma contemporânea de globalização e o modelo de desenvolvimento e progresso em curso não é sustentável, isto é, a forma como se vive, na atualidade, compromete as vidas futuras. A exploração de recursos como se fossem ilimitados, o consumismo e a má gestão do lixo já geram complicação em escala global.

Por esse conjunto de questões, faz-se necessário pensar em um recomeço para a globalização. Alguns teóricos ajudam a pensar em modelos e estratégias não para cessar a globalização, mas para fazer com que as pessoas e as ideias possam ser superiores ao comércio de produtos.

Não há consensos ou uma convicção sobre que caminho seguir, mas há uma percepção generalizada de que algo precisa ser feito. A nós, como habitantes de uma realidade global, cabe participar desse processo de recomeço. Alguns de nós poderão teorizar sobre a política ou a economia global, outros poderão se dedicar a elaborar modelos para a proteção das identidades, mas todos, sem exceção, precisamos estar conscientes da interligação das realidades e prontos para defender uma cidadania global, um meio ambiente equilibrado e uma nova globalização, em que a desumanidade não mais seja aceita como um efeito colateral.



Enfim, precisamos pensar em um mundo não só globalizado, mas também igualitário!

Referências

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências* humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CITELLI, A. et al. *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014.

FRÓIS, Katja Plotz. Globalização e a cultura identidade no mundo de iguais. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, v.5, n.62, p. 2-10, 2004.

HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalidade social*. v.1. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli; TRUZZI, Oswaldo. Globalização, migrações e internacionais e novos desafios à cidadania. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v.31, 2007.

LIMA, AM de S. Os impactos da globalização no mundo do trabalho. *Terra e cultura*, Londrina, ano, v.20, p. 32-49, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

REIS, Heloiza Beatriz Cruz dos. *Os impactos da globalização sobre o meio ambiente: uma introdução à análise da Comunicação Social. Contemporânea* (Título não corrente), v. 3, n. 1, p. 169-180, 2005.

SANTOS, M. *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, v.174, p.25, 2000.

SCOTT, J. (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SILVA, Victor Teixeira Barreto da. Paz de Vestfália: Um estudo sobre a origem do Direito Internacional. *Revista de Direito dos Monitores da Universidade Federal Fluminense*, v.5, n.13, p. 33-46, 2016.

SINGER, Peter. *Um só mundo: a ética da globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TANJI, Thiago. *Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria fashion*. *Revista Galileu*, 23 de junho 2016. Acessado em:15/02/2017.